

# MEDITAÇÕES

# **Meditações**

*Do Pe. Manuel Nunes Formigão*

# MEDITAÇÕES I<sup>1</sup>

## Humildade (*instrução*)

(1º dia)

(Meditação nº. 1)

Devo ser humilde. A humildade consta de duas coisas:

Uma, a mais fácil, em cada um considerando-se a si mesmo ter-se em nada,

Outra em desejar ser desprezado por amor de Deus. Tudo o que tenho na ordem natural e na sobrenatural, é de Deus. Só me pertence o nada e o pecado. Os meios para adquirir esta virtude são, entre outros, a oração e o exercício de actos de humildade nos pensamentos, nas palavras e nas obras. Isto é, julgar os outros melhores do que eu, ceder nas divergências de opinião no modo de ver do companheiro; se errei, dizer-lo; se a minha opinião me parece verdadeira, não insistir em impô-la, dar a primazia em tudo o que não perturbar a ordem aos outros, fazer por contentar e servir os companheiros sem distinção.

Considerarei os meus pecados, a minha miséria, o meu nada, que a minha falta de correspondência à graça, e pedirei ao Senhor ao levantar-me, na visita, e ao deitar-me o dom da humildade.

Os Santos foram humildes. Quanto mais Deus os cumulava de graças, mais se humilhavam. Nossa Senhora, quando seu Divino Filho era aclamado pelas multidões, ocultava-se; na Paixão acompanhava-O, compartilhava dos seus opróbrios. Humildade de Nosso Senhor.

---

<sup>1</sup> As meditações constantes nestas páginas foram efectuadas pelo Pe. Formigão quando estava em Roma, enquanto estudante de Teologia e Direito Canónico.

# O pecado em mim

(Meditação n.º 2)

O pecado pessoal em si mesmo em face dos atributos de Deus.

Gravidade do pecado pessoal atenta a grandeza do ofendido e vileza do ofensor.

Gravidade do pecado no eclesiástico.

Fugir do pecado, praticar a virtude a todo o custo, pedir a graça de Deus, ser santo.

## Inferno

(2º dia)

(Meditação n.º 3)

A santificação consta de duas partes:

Uma negativa, isto é, ter a alma livre do pecado,

Outra positiva, que é a essência das virtudes cristãs, o cumprimento dos deveres do próprio estado.

Um dos meios para fugir do pecado é a meditação dos Novíssimos e, entre estes, do Inferno.

Três pontos: as *penas corporais*, as *penas espirituais*, e a *eternidade de umas e outras*. A Sagrada Congregação declara que se o penitente não acreditasse que o fogo do Inferno é verdadeiro fogo, o confessor o instruisse, e se ele insistisse em negar lhe negasse a absolvição. S. Agostinho compara o fogo nosso, usado para nossa utilidade, como um fogo pintado em face do fogo do Inferno, usado para castigar os réprobos.

## **A Confissão (instrução)**

(Meditação n.º. 4)

Consta de três coisas:

Conversão de *boca*, de *coração*, e de *obras*.

Deve ser íntegra:

Número certo de pecados mortais, em não se sabendo, o número aproximado, e ainda não se sabendo, as vezes que se cometeu por dia, por semana, por ano.

Às vezes é deplorável o engano de certas pessoas que, por ignorância, julgam que há obrigação de confessar os pecados veniais. É de perfeição, não de obrigação.

Dor. A absolvição sem a dor não perdoa os pecados. Deve-se fazer muitas vezes ao dia o acto de contrição, e especialmente antes de adormecer. Para a excitar devemos ir com o pensamento à *porta do Paraíso* e considerar que por nossos pecados fechámos aquela *porta*; à *do Inferno* e considerar que merecemos cair nele; ao *Calvário* e meditar quanto Nosso Senhor sofreu por nós.

Para fazer com que a dor seja viva, grande, veemente, devemos orar e cooperar com a graça. Se temos só pecados veniais, podemos sujeitar os pecados da vida passada, estender a dor a todos, para maior segurança do Sacramento. O exame deve ser diligente, mas não é preciso que seja diligentíssimo. Pode ser feito durante a Missa.

Exercitar-me a dor e fazer o acto de contrição ao deitar.

A confissão devemo-la olhar não pelo lado da humilhação, mas pelo lado do amor de que ela é um dos principais efeitos. Purifica e fortifica.

## **A morte**

(Meditação n.º. 5)

*A morte é certa e incerta.*

Certa em si, incerta quanto às circunstâncias. Virá quanto menos se espera. Por isso é necessário estar sempre preparado para ela.

A morte de um mau padre e a de um bom. Que diferença! Suarez, à hora da morte, disse que nunca julgou que fosse tão doce o morrer.

Juízo particular. O demónio acusador. O Anjo da Guarda defensor. O corpo fica na sepultura até ao dia da ressurreição. Quando morre um bom padre, acompanham-no as lágrimas e as orações dos pobres que socorreu, dos aflitos que consolou, de todos aqueles a quem fez bem, dos amigos.

Ao padre mau, maldição a memória. Passados trinta quarenta, cinquenta anos, quem se lembrará do padre bom ou mau que morreram? Será como se não tivessem passado na terra.

Por isso urge trabalhar, servir, amar a Jesus, porque só Ele nos não abandonará, nos fará bem. Asseguremos a nossa salvação fazendo-nos santos.

## **Meios de Santificação (instrução)**

(3º dia)

(Meditação n.º. 6)

**1º.** Vencer a paixão predominante. Disso dependem os outros defeitos. É preciso conhecê-la. Conhecida, combatê-la com dois meios: a *oração* e o *exame particular*. Determinar as vezes que durante o dia a devo pedir.

O exame, para o qual basta um minuto, deve ser feito três vezes ao dia, pela manhã, ao meio dia e à noite. Pela manhã, fazer o propósito de não cometer o defeito predominante até ao meio dia, e ao meio dia o mesmo até à noite. Quando cair no defeito, fazer um acto de contrição, e propor de novo não o cometer até ao meio dia ou noite conforme, e notar a queda.

2°. Abominar e fugir do pecado venial deliberado, porque é ofensa de Deus, é falta de amor para com Deus, por ele facilmente se cai no pecado grave e temos de satisfazer por ele nesta ou na outra vida.

3°. Combater o demónio, as paixões, as inclinações más.

4°. Fugir das ocasiões.

## **Castidade (instrução).**

(Meditação nº. 7)

Necessidade desta virtude, especialmente ao padre. Fealdade do vício oposto. Os castigos com que Deus fere este vício. O dilúvio universal e o fogo descido sobre as cidades da Pentápole. Meios para adquirir e conservar a castidade e vencer o vício oposto. Oração e mortificação e fugida das ocasiões, humildade.

Estes meios são a preparação para o combate. Modo de proceder no combate contra a tentação, é não querer consentir, recorrer ao Senhor, pedir-Lhe que nos socorra e, além disso, distrair-se com o pensamento do inferno, da morte, do juízo, da Paixão do Senhor, ou ao menos de qualquer coisa indiferente, um jardim, por exemplo. A humildade e o estudo. Fugir das ocasiões, resistir prontamente à tentação.

## **Parábola do Filho Pródigo (Instrução).**

Partida. Estada. Volta. A bondade e a misericórdia de Deus.

## **Vida de Jesus (Meditação)**

(4º. Dia)

Pela manhã. Do Reino de Cristo. Meditação fundamental da parte iluminativa. Devemos dar-nos todo a Jesus, seguí-Lo, imitá-Lo por muitos títulos. Nascimento de Jesus. Vida privada de Jesus.

## **Obediência (instrução)**

(Meditação n.º. 8)

Necessidade desta virtude. É o maior sacrifício que se pode oferecer a Deus depois do martírio, porque a vontade em nós manda no resto da alma e no corpo. Obedece-se não ao homem, mas a Deus.

Três graus. Obedecer. Julgar que o que o superior manda é o melhor. Obedecer com alegria (da alma, o que é compatível com as próprias lágrimas). A obediência não impede que se exponha com humildade os inconvenientes de qualquer ordem, mas logo que, depois dessa exposição, o superior insiste deve-se considerar o que ele quer como o melhor, como o que o Senhor quer, tanto mais que se daí resultasse mal, Deus sabe tirar o bem do mal. Nosso Senhor era submisso, diz o Santo Evangelho.

## **A caridade (instrução)**

(Meditação n.º 9)

Amar ao próximo como a nós mesmos.

Nosso Senhor muitas vezes no Evangelho preceituou esta virtude. É o sinal por onde se conhecerão os seus discípulos. Não fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós. Fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós. Tratar o próximo com amabilidade, usar boas maneiras, amar por amor de Deus, combater antipatias.

S. Francisco de Sales quando dava qualquer ordem, antes, pedia, que mandava. Orar pelos vivos e defuntos. Perdoar as injúrias.

### **Paixão do Senhor (Continuação da meditação).**

(5.º Dia)

Nosso Senhor com a cruz a caminho do Calvário. Crucifixão e morte. Descimento do Senhor da Cruz e desolação de Maria Santíssima.

Fugir do pecado a todo custo. Trabalhar pela salvação das almas, e desde agora com o estudo feito com recta intenção, isto é, para dar glória a Deus e salvar as almas.

## **Eucaristia (instrução)**

(Meditação nº. 10)

Frequência da Comunhão. Preparação próxima e remota.

A *remota* consiste na pureza de coração e no exercício das virtudes. Aquela obtém-se pela confissão e pelo acto de contrição. Esta, cumprindo as obrigações do próprio estado com exactidão, sobrenaturalizando as acções do dia e ordenando-as à glória de Deus e à salvação das almas.

Para quem comungar todos os dias, a preparação remota deve começar da véspera.

A preparação *próxima* consta de vários actos de humildade, fé, esperança e caridade, a pensar em quem se vai receber, adorar a Jesus sob as espécies sacramentais.

Acção de graças, pedir-lhe pelas necessidades nossas e do próximo. A falta de aproveitamento depende da imperfeição da preparação e da acção de graças.

Preparação remota.

Preparação pela meditação e oração para a meditação.

## **Oração (instrução)**

(Meditação nº. 11)

Necessidade da oração. Nosso Senhor no-la prescreve. É o meio ordinário de alcançar as graças, mesmo necessárias.

Santo Afonso Maria de Ligório diz que quem ora se salva, quem não ora, se condena.

Dotes da oração para que ela seja ouvida:

1°. Atenção de espírito e afecto do coração. Um santo diz que o desejo é a nossa oração.

2°. Feita com humildade.

3°. Com confiança.

4°. Com perseverança.

5°. Que não seja de coisa inconveniente.

Pode-se pedir também coisas temporais. Mas, *“procurai primeiro as coisas de Deus e tudo vos será dado por justiça”*, disse Nosso Senhor.

A oração divide-se em *ordinária e extraordinária*.

A segunda ensina-a o Divino Espírito Santo a quem concede esse dom.

A ordinária subdivide-se em *vocal, mental e mista* (por exemplo o rosário).

Necessidade da mental. Quanto se lucra quando é bem feita. Recolhimento e oração como preparação para ela. Dela depende o progresso da vida espiritual, luzes, graças.

## **A glória (meditação)**

(Meditação nº. 12)

Descida de Nosso Senhor ao Limbo. Ressurreição e visita a Nossa Senhora, aos Apóstolos e aos discípulos de Emaús. Ascensão.

*Deo Gratias omnia ad maiorem Dei gloriam.*

# RETIRO ESPIRITUAL

(Meditação nº. 13)

31-12-1905.

Cristo Senhor Nosso *omnia bene fecit*.

Assim nós devemos também fazer. Para isto é mister que façamos todas as nossas obras com recta intenção, que consiste em ordenar tudo a Deus, com um pouco de santo fervor (não sensível, que não depende de nós, mas da vontade, que consiste numa vontade firme, enérgica decidida a fazer tudo para agradar a Deus e dar-Lhe glória), e com perfeição e exactidão. O que fizermos por ambição, vanglória, respeito humano, ainda que em si sejam coisas boas, de nada valem, antes são amaldiçoadas de Deus.

“*Santificado seja o Vosso nome*” eis o fim *primário*, absoluto, isto é a glória de Deus; “*venha a nós o Vosso Reino*” eis o fim *secundário* e que devemos ter em vista procurando o primeiro; “*seja feita a Vossa vontade assim na terra como nos Céus*”, eis o meio de obter aqueles dois fins.

Para cumprir a vontade de Deus o melhor meio é o amor de Deus, ao qual se opõe o amor próprio ou amor desordenado de nós mesmos, que não pode estar com aquele e que por isso devemos combater com todas as nossas forças. Pela manhã dizer: Senhor, tudo o que fizer hoje seja para Vossa glória, unicamente, exclusivamente, para Vossa glória.

## Morte (meditação)

(Meditação nº. 14)

É certa a morte. É incerto quando, como e onde ela nos virá dar o golpe.  
*Memorare novissima tua et in aeternum non peccabis.*

Muitas coisas nos lembram todos os dias a morte, mas não nos fazem impressão, porque não consideramos o novíssimo da morte em relação a nós. S. Agostinho observa que o Espírito Santo não diz *memorare novissima*, mas “*memorare novissima tua*”.

Os Santos consideravam a morte, servindo-se de uma caveira. Nós devemos lembrar-nos frequentemente e em especial de manhã e à noite, que devemos morrer. Nosso Senhor disse: “*vigilate et estate parate, quia in que hora non putatis filius hominis venict*”.

# RETIRO NA PÁSCOA (2 dias)

(Meditação n.º. 15)

## Prática de introdução

(na véspera à tarde)

**1º.** Devo convencer-me e persuadir-me de que é necessário este retiro, atentas as minhas fraquezas, defeitos imperfeições, negligências de que devo corrigir-me. Considerá-lo como uma grande graça de Deus, que muitos outros não têm. Deus o quer; e eu devo querer o que Ele quer.

**2º.** Entrar nos Exercícios com muita confiança em Deus e desconfiança de mim mesmo. *Priclitor in aeternum*, dizia Tertuliano.

Nós somos inclinados por natureza ao medo, ao temor, somos por natureza desconfiados, mas devemos confiar em Nosso Senhor, para o que temos muitos motivos, por exemplo, o da sua Paixão e morte, e fazendo da nossa parte aquele pouco que de nós se exige; abandonemo-nos de resto, como os Santos, à confiança em Deus, dizendo: *In Te, Domine, speravi, non confundar in aeternum*.

**3º.** Usar de jaculatórias, frequentemente, antes e depois do retiro, especialmente durante a Semana Santa; elas são como que frechas de amor que vão ferir o Coração de Nosso Senhor. Assim o Bom Ladrão, que a princípio blasfemava de Nosso Senhor e depois conseguiu o Paraíso com uma jaculatória de arrependimento: *“recorda-Te de mim no teu Reino”*.

## **Gravidade do pecado, especialmente de malícia.**

(1º dia)

(Meditação nº. 16)

*Delicta quis intelligit?* Dizia David, e chorava, gemia. S. Pedro. Santa Maria Madalena. Pecado dos Anjos. Pecaram na casa de Deus e com a mente iluminada, sob os olhos de Deus. Pecado de abandono do santuário. Nosso Senhor sofreu e morreu por nós.

Criou-nos, conserva-nos, deu-nos tudo o que temos e nós temos coragem de ofendê-Lo com aquilo que Ele nos deu. Guardar os sentidos porque por eles entra o pecado. “*O pecado, diz Santo Agostinho, é um pensamento, palavra, affecto, obra ou omissão contra a lei de Deus, que é a vontade de Deus a nós manifestada*”.

### **Confissão**

A confissão devemos-la olhar não pelo lado da humilhação, mas pelo lado do amor de que ela é um dos principais efeitos. Purifica e fortifica.

## **Meditação sobre o juízo particular**

(Meditação nº. 17)

Deus me vê, Deus me ouve, Deus me há-de julgar. 34.000 Irmãs da Caridade estão espalhadas pelo mundo, semeando inúmeros benefícios, e S. Vicente de Paulo não lhes deu mosteiros, nem grades, mas aquelas três frases apenas que são as suas armas no meio dos perigos do mundo.

Uma mãe mandou educar o filho a Paris, gastando com ele todo o seu património e quando esperava que ele fosse o amparo da sua velhice, recebe a notícia de que tinha caído nas mãos da justiça humana. Próxima a morrer pede para o ver, o que

depois de muitas dificuldades, consegue alcançar. O filho vem entre carabineiros, a mãe ergue-se e lança-lhe um tal olhar que o filho treme e cai desmaiado nos braços dos *gendarmes*; a mãe cai sobre o leito e expira. Este filho, ferido por aquele olhar, lembra-se do olhar de Cristo Nosso Senhor no juízo particular, pronuncia como S. Paulo o *quid vis quod forciunt, Domine*, e vai bater à porta da Companhia e torna-se o apóstolo da Alemanha. Morreu há pouco ainda.

Nosso Senhor nesta vida é misericórdia, que triunfa, na outra é só justiça.

Um Santo fez acordo com um moribundo para que com a permissão de Deus o que primeiro morresse viesse avisar do que havia na outra vida. Veio, diz estar salvo e acrescenta: “*Oh! Quanto são terríveis os juízos de Deus*”, e bastou isto para que o outro se fizesse santo.

## **Meditação sobre a meditação**

(2º dia)

(Meditação nº. 18)

Diz S. Tomás que o sol é para a terra *fons lucis, fornax ardoris et principium... generationis*. Tal é também para a nossa alma a meditação. Foi nela que os Santos hauriram a sua ciência, o seu grande amor de Deus e das almas. S. Filipe Neri, Santa Catarina de Sena, S. Pascoal Bailão, e bem assim D. Bosco, o Venerável Cottolengo, S. Tomás, S. Boaventura foram buscar a sua ciência e actividade santa à meditação. Ela ilumina a mente e inflama o coração e faz-nos produzir boas obras, o bem. Os padres que não a fazem seriamente são inúteis e até prejudiciais, têm a mente escura e o coração frio.

Humildade.

Castidade.

Paciência, doçura, paz e caridade para com o próximo.

Confiança em Deus.

Asseio e ordem.

Meditação bem feita e especialmente sobre a Paixão de Nosso Senhor.

## **Prática sobre a caridade para com o próximo**

(Meditação nº. 19)

Nosso Senhor amou-nos com o pensamento, com palavras e com obras. Deu-nos um preceito que chamou seu: *Dilegite alternatrum, sicut et ego dilexi vos* Devemos amar o próximo, não porque sentimos simpatia por ele, este sentimento também os animais têm; nem pela virtude que o próximo tenha, porque então, cessando essa virtude, não tinha razão de ser tal amor, devia cessar, mas porque ele nos representa Deus e Deus quer e manda que o amemos.

Devemos amá-lo em Deus, por Deus e com Deus. Devemos fugir de todos os pecados de pensamento contra a caridade para com o próximo, especialmente do juízo temerário; de palavras, especialmente da murmuração, em que é tão fácil cair. Por esta peca-se três vezes, porque peca o que murmura, aquele com quem se murmura, e fere-se aquele de que se murmura e que não pode defender-se. É mordedura de víbora este triunfo.

Terminantemente devemos suportar-nos e fazer bem.

# **Necessidade da meditação sobre a Paixão de Nosso Senhor**

(Meditação nº. 20)

São cinco as razões ou motivos pelos quais devemos meditar frequentemente sobre a Paixão de Nosso Senhor:

**1º.** Deus o quer.

*Ó vos qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.*

**2º.** A gratidão e o reconhecimento.

*Dilexit me et tradidit semetipsum pro me*

**3º.** O pecado.

Foi ele a causa dos sofrimentos de Jesus, foram os nossos pecados que O crucificaram. *Propter scelesam populi mei percutii.*

**4º.** Propor a fugir do pecado.

A dor, pena do pecado. Ajudar-me-á a suportá-la a consideração de que Nosso Senhor inocente tanto sofreu e nós somos pecadores.

**5º.** A morte.

Essa consideração sobre a Paixão de Nosso Senhor proporcionar-nos-á uma boa morte, conforto e consolação nela.

# RETIRO (25/10/1906).

(Meditação nº. 21)

1.<sup>a</sup> Meditação - *Necessidade, estima dos Exercícios, generosidade.*

2.<sup>a</sup> Meditação - *Fim do homem: veio de Deus e para Ele vai.*

3.<sup>a</sup> Meditação - *Há diferença santa, não estóica, relativamente ao uso que devemos fazer das criaturas.*

*1<sup>a</sup> Conferência.* Obstáculos. Desolação. Consolação. Aquela, no sentido em que aqui a toma Santo Inácio, vem do inimigo; esta de Deus, se não provem de alguma coisa próxima conhecida (?), boa ou má, conforme o fim (?). Não decidir sem reflexão no meio de uma ou outra. Grandes Santos foram quase toda a vida afligidos; esta aflição é sinal de que é aceite a Deus.

4.<sup>a</sup> Meditação - *Os três pecados: dos anjos, de Adão, e do homem particular muito depois de o cometer. Muitos estão no inferno com menos pecados. Pedir perdão e misericórdia ao Senhor enquanto é tempo; não viver no pecado; prevenir-nos para o futuro, contra as ocasiões terríveis de pecar.*

5.<sup>a</sup> Meditação - *O pecado em nós.*

*1<sup>o</sup> Prelúdio:* considerar a alma presa no corpo e sofrendo.

*2<sup>o</sup> Prelúdio:* pedir a Deus dor e arrependimento dos nossos pecados. Gravidade da ofensa que com o pecado se faz a Deus, como Deus, como Senhor e como Pai. Daria a morte a Deus se Deus pudesse morrer. Façamos como S. João Crisóstomo, S. Basílio e o Beato Gaspar del Ruffolo; preferindo sofrer tudo e morrer, a pecar.

6.<sup>a</sup> Meditação - *Inferno.* O que se vê nele. O que se sofre. A pena do fogo. A pena de dano.

*2<sup>a</sup> Conferência:* Meios a empregar para evitar o pecado: exame particular; confissão e comunhão frequentes. Qualidades do exame particular; fidelidade a ele. Basta que num ano se vença o defeito predominante.

7ª. Meditação - *A morte*. Avizinha o inferno aos nossos olhos. A morte nos separa de tudo. Separemo-nos agora por amor, para que o não tenhamos depois de fazê-lo por força. Quem teme muito a morte, é por via de regra pessoa que não tem a sua consciência em regra. Vivamos bem para morrer bem.

8ª. Meditação - *Do Juízo Universal*. Os bons a um lado os maus a outro. Ressurreição dos mortos ao som da tuba.

9ª. Meditação - *Do Filho Pródigo*. Bondade de Deus.

3ª Conferência: Oração e em especial da oração mental. Necessidade. Facilidade da oração mental; todos a podem fazer. Vários modos:

1ª. *Reflexão* explicação prática sobre o inferno e aplicação prática.

2ª. *Contemplação*: explicação prática do nascimento de Nosso Senhor, contemplação das pessoas, coisas, palavras, etc.

3ª. Por exemplo, dizer o *Padre Nosso* com intervalo pequeno a cada palavra, pensando bem em cada uma delas.

4ª. *Percorrendo* por exemplo os *Mandamentos da Lei de Deus* e vendo em que tenho faltado a eles. Não ter pressa em passar de um ponto ao outro, antes ficar no primeiro ou mesmo no primeiro pensamento do primeiro ponto, e isto até por muitos dias, se ele nos faz impressão, e se dele tiramos frutos.

Devemos preparar-nos para a meditação, não só pedindo a Deus luz e graça, mas pensando num fruto especial que devemos nesse dia tirar dela, por exemplo, a paciência com um companheiro.

10ª. Meditação - *Jesus como Rei*. Devemos segui-Lo, Ele nos ensinou o caminho com o seu exemplo. É um Rei cheio de bondade. Não precisa de nós, nós é que precisamos Dele. As armas não são como as deste mundo. Um sacerdote pode converter uma cidade inteira com as armas do Céu. Mas é preciso que se faça bom, que conheça e ame os sofrimentos, que seja homem de sacrifício e quanto mais virtuoso e santo, mais bem fará. Se os maus fizerem por Deus o que fazem pelo demônio, com o mesmo ardor, seriam santos. Eles unem-se e trabalham indefesamente para o mal e os filhos da luz vivem inertes, ociosos, desanimados.

**11ª.** Meditação - *A Incarnação*. O estado deplorável a que a humanidade tinha chegado. As perfeições de Maria Santíssima. Propaguemos a sua devoção e de um modo especial entre a juventude, que está sujeita a tantos perigos e para quem o manto da Virgem será poderoso escudo. Exercício de caridade para com Santa Isabel. Exercício de humildade, nada revelando a S. José. Colóquios a Maria Santíssima, a Jesus Cristo Nosso Senhor e ao Eterno Pai.

**12ª.** Meditação - *Natal*. Estava o mundo sem paz. Obediência dos Santos Esposos à lei do recenseamento. Jesus nasce prodigiosamente. Jesus nos ensina, nos dá o seu programa de governo, como Rei: pobreza, sofrimentos, humilhações. Devemos segui-Lo. Nasce num presépio. Os Santos Esposos não encontraram em Belém outro lugar.

*4ª Conferência:* Dos escrúpulos. Obediência ao confessor. Privilégios dos escrupulosos. A lei da integridade é positiva. Depois do pecado, não há nada tão perigoso como os escrúpulos e a melancolia. Sentir com a Igreja. Não falar ao povo de certas doutrinas e coisas que ele não perceba, como questões sobre a predestinação, sobre a graça, etc.

**13ª.** Meditação - *Jesus e os pastores. Jesus no templo. Jesus e os Magos*. Jesus humilhou-se e seu Eterno Pai agora exalta-O. Vocação dos gentios. Mortandade dos Inocentes. Ouro da caridade, incenso da oração e mirra da mortificação.

**14ª.** Meditação - *Fuga para o Egipto. Regresso. Jesus em Nazaré. Jesus no templo entre os doutores*.

**15ª.** Meditação - *Jesus prepara-se e dá princípio à sua vida pública*. Oração e jejum.

*5ª Conferência:* Até aqui S. Inácio quer só que se façam propostas gerais. Agora particulares, depois de bem decidida a vontade para se recolher o fruto dos santos Exercícios. *Três* homens que têm 10.000 ducados.

*Um* quereria converter-se e cortar o afecto desordenado que tem a essa soma. Mas difere; é uma vontade ineficaz, é uma veleidade.

O *segundo* quer, sim, mas a meias; quereria conciliar o vício com a virtude, o bem com o mal; começar o bem, mas sem largar o mal. Deu uma parte só do dinheiro aos pobres, ou melhor, despegar-se só um pouco desse dinheiro.

O *terceiro* quer subitamente e eficazmente converter-se e por isso desarreiga o afecto desordenado aos bens, e está disposto se for preciso a dá-los todos aos pobres. É este o último que devemos seguir.

*Duas bandeiras:*

*A de Satanás*, sentado no alto de um trono de fogo, chamas e fumo, símbolo da caducidade das coisas terrenas procurando seduzir-nos com aparências de bens, que nos causarão amarguras ao depois.

Do *outro lado Jesus* sentado na erva como na sua vida pública, com todas as suas perfeições, com a sua bondade, convidando-nos a usar as armas contrárias às de Satanás: a pobreza, a humildade, o sofrimento.

*Três graus de humildade.*

1º. Absolutamente necessário a todos, consiste em preferir a morte a qualquer pecado mortal.

2º. Consiste em preferir tudo, mesmo a morte, a qualquer pecado venial.

3º. Consiste em preferir de duas obras, que por hipótese sejam de igual honra para Deus, mas das quais uma esteja unida com humilhações e sofrimentos e a outra com honra e glória para quem a pratica, era preferir, digo, aquela, para mais se assemelhar a Cristo Senhor Nosso. Ao menos desejemos ter esse desejo.

**16.<sup>a</sup>** Meditação - *Jesus no Cenáculo e no Horto* e perante Anás, Caifás, Pilatos e Herodes.

Institui o Santíssimo Sacramento, o sacerdócio católico, lava os pés aos Apóstolos. Sofre no Horto. *Vince celeritatem in manducando.*

S. Paulo, epístola aos Efésios, cap. 27, desde o versículo 17 (ou 27). Mostra os sentimentos dum verdadeiro discípulo.

**17.<sup>a</sup>** Meditação - *Flagelação e Coroação de espinhos*. Jesus com a Cruz às costas. A cruz tem nove metros de comprimento por quatro de largo. O Cireneu. Encontro

com Maria Santíssima. Crucifixo. Perdão para os inimigos. Morte. Devoção ao Crucifixo.

**18<sup>a</sup>.** Meditação - *Ressurreição do Salvador*. Foi pronta manifesta e gloriosa. Assim deve ser a nossa ressurreição do estado de pecado ou de tibieza. Jesus ressuscitado consola os pecadores (Maria Madalena e S. Pedro), os tíbios (os discípulos de Emaús, isto é, Cléofas e possivelmente S. Lucas) e os justos, as almas fervorosas (Maria Santíssima).

*6<sup>a</sup> Conferência:* A escolha de estado e a reforma de vida. A eleição do estado é um tema tão importante, necessário e prático que sobre ele se deve pregar frequentemente ao povo, para evitar os muitos males que da ignorância resultam neste particular. Os pais devem deixar a liberdade da escolha aos filhos e filhas; limitem-se só a aconselhar, não se imponham, não obriguem.

*1<sup>o</sup>.* A matéria deve ser boa. É claro.

*2<sup>a</sup>.* A escolha pode fazer-se por indicação expressa, sensível de Deus, p. ex. como a S. Paulo, ou por certeza moral que cada um possa adquirir (sendo de notar que é sempre muito útil consultar pessoa competente, que tenha o dom do conselho para se confessar, um amigo fiel, etc.) ou, no caso de indecisão, de incapacidade, que às vezes pode provir de uma natureza indecisa, que não de falta de instrução; por meio de conselho de pessoa competente.

*3<sup>a</sup>.* Antes de escolher, deve-se orar, depois pôr de um lado as vantagens e utilidades, do outro, os perigos, e ver quais predominam e vencem. Perigos sempre os há em todos os estados. Se os perigos são menos que as vantagens, então deve escolher esse estado. Há estados nos quais se pode mudar, por exemplo se um é cônego, se tem um ofício que pode resignar. Neste caso se se sente desgostoso, com muitas dificuldades, etc., pode renunciar a esse estado e escolher outro. Se o estado é fixo, então deve resignar-se, sofrer com paciência, e procurar melhorar-se cada vez mais.

*Reforma. Para com Deus, para consigo e para com o próximo.*

Para com Deus, fazer bem os deveres do próprio estado, Missa, Ofício, orações etc., se um é sacerdote.

Para com o próximo, se superiores, veneração e respeito. A obediência para com os superiores caridade, mostrar-lhes estima e amor, para com os iguais ainda caridade.

**19ª.** Meditação - *Amor espiritual*. Oferta de tudo o que é nosso a Deus, de maneira que Ele fosse servido tirar-nos alguma coisa, por exemplo a memória, a saúde, ficássemos resignados e contentes. Só damos o que recebemos, porque tudo é de Deus, mas Ele com isso se contenta. A oferta deve ser séria e generosa. Agradecemos os benefícios recebidos quer comuns, quer próprios, quer na ordem natural, por exemplo, a sustentação, quer na sobrenatural.

Coragem, alegria e esperança “*Confidite, ego vici mundum*”, disse o Divino Salvador.

# RETIRO (31/1/1907)

(Meditação n.º 22)

## **1ª Parte.**

O Padre deve ser santo:

- 1º. Porque foi consagrado a Deus;
- 2º. Porque consagra Deus;
- 3º. Porque é mediador entre a terra e o Céu;
- 4º. Porque é mestre (*institutore*) e modelo do povo cristão.

## **2ª Parte.**

O Padre deve ser santo porque senão o é, dão-se as seguintes consequências:

- 1º. Torna-se um anjo de trevas (um negro demónio);
- 2º. Por conseguinte o sacrilégio por excelência;
- 3º. Pedra de contradição e de escândalo;
- 4º. E finalmente um perdido e desesperado.

# EXERCÍCIOS PARA O DIACONADO

(Meditação nº. 23)

**23/10/1907**

*Leitura espiritual.*

Remédios para as distrações na oração: tomar para objecto da meditação as próprias distrações, a fim de conhecermos a nossa miséria e ter humildade; ocupar durante o dia o espírito em pensamentos santos; preparar o espírito antes da oração e durante o espaço de um *Pater*, elevar a mente ao Céu, olhar para alguma imagem, falar vocalmente com Deus, dizendo jaculatórias, invocando o seu auxílio, finalmente preparando e levando determinado o número de pontos da meditação que se quer fazer.

*Meditação.*

Fim do eclesiástico: servir a Deus de um modo especial neste mundo e gozá-Lo no outro.

Gratidão a Deus pela vocação, que é um dom gratuito. Procurar adquirir as virtudes que este estado requer e corresponder às graças que Deus concede. Desprezo do mundo: *Dominus pars haereditatis meae.*

*Meditação*

Imitação do Santíssimo Coração de Jesus. Humildade, paciência, mansidão. O clérigo deve imitar de um modo especial o Santíssimo Coração de Jesus. Para O imitar e amar é preciso conhece-Lo, estudá-Lo e para isso tê-Lo sempre presente. Ele nos ensina a pureza, a pobreza, o desprezo do mundo, o desejo da glória de Deus e da salvação das almas com as acções da sua vida. O clérigo deve ser um com Jesus.

*Meditação*

Modo de fazer a oração mental. Vide *Guerra, Il Chièrico secondo il Cuore di Gesù* ; pg. 61.

*1ª. Prática de preparação*

Necessidade dos *Exercícios* e modo de os fazer bem. *Quatro avisos* de S. Inácio:

1º. Ânimo generoso e disposto a fazer a vontade de Deus e a usar de diligência para bem fazer os *Exercícios*;

2º. Aplicação das potências da alma às grandes verdades da fé propostas nas meditações;

3º. Silêncio e boa aplicação do tempo livre;

4º. Oração para pedir luz e graça.

Os *Exercícios* bem feitos convertem pecadores em santos. Pode-se morrer durante ou pouco depois de os fazer. São uma grande graça de Deus, a que é perigo não corresponder.

*Meditação.*

Fundamento dos *Exercícios*. Fim do homem.

O homem foi criado para um fim (servir e amar a Deus nesta vida e gozar com Ele na outra). Importância deste fim. Qual é ele em particular.

*Conferência*

Obstáculos que impedem o fim: a fantasia, as máximas do mundo, o coração.

1ª. Conferência. *A paz*. O que é a paz, meios de a conseguir e conservar, quanto é necessário perseverar nela. *Pax est rerum omnium tranquillitas ordinis (St. Agost.)*.

1ª. Meditação. *Gravidade do pecado considerado nos seus efeitos*. O pecado dos anjos, dos protoparentes de uma pessoa que morre com um só. Quanto é grave atentos os danos horríveis que causa!

2ª. Meditação. *Gravidade do pecado considerado em si mesmo*. Ofende a Deus nos seus atributos: na onnipresença, onnipotência, sabedoria, bondade e liberalidade, paciência. É gravíssima ofensa pela excelência do ofendido e vileza do ofensor. *Item* é mais grave num eclesiástico e num sacerdote, porque este tem mais luz, é pecado de malícia e ingratidão.

2ª. Conferência. (continuação).

Meios para adquirir e conservar a paz: diligência nesse duplo exercício e perseverança, por isso fugir à tepidez que é um estado perigoso, um mundo de pecados veniais deliberados.

**3ª.** Conferência. Confissão. Acusação. Diligência no exame. Dor: consiste nisto: *dispiacimi di aver fatto il peccato, vorrei non averlo fatto*. Retratação por consequência.

3.<sup>a</sup> Meditação. *Inferno*. Penas corporais. Penas espirituais. Eternidade.

4.<sup>a</sup> Meditação. *Morte*.

**4ª.** Conferência. *Necessidade da vocação* para o estado eclesiástico: **1º.** Pela eminência da dignidade; **2º.** Pelas graças especiais que se requerem; **3º.** Por expressa vontade de Deus.

**5ª.** Conferência. *A santidade que se requer no sacerdote*. É mediador e por isso deve ser agradável, não odioso àquele perante quem medeia. Exemplos de S. Francisco de Assis e S. Francisco de Paula. Deve orar pelo povo e incessantemente. Samuel, *modelo dos sacerdotes*, dizia: «*livre-me Deus de cessar de orar por Vós.*»

5.<sup>a</sup> Meditação. *O Filho Pródigo*. (Fim do terceiro dia, isto é, da *via purgativa*, e por isso faz-se uma meditação que console). Ida, estado miserável durante a separação, volta. Indo, representa o tégido, depois, perdendo os bens, representa o pecador, depois quando regressa, o arrependido.

6.<sup>a</sup> Meditação. Rei divinamente eleito. Reino de Cristo. Importância de O seguir e imitar. Necessidade de O seguir.

Nenhum soldado morrerá, vitória certa, prémio grande. *Dominum pars haereditatis meae...* Renovação e generosidade em seguir Jesus.

**6ª.** Conferência. Meios para a santidade. Combater as paixões: oração e exame particular. Fugir do pecado venial deliberado. Combate espiritual contra as tentações

dizendo: não. Fugir das ocasiões. Estes gratos meios são necessários a todos. Há ainda outros: exercício da presença de Deus, mortificação, etc.

**7ª. Conferência.** A castidade. Excelência desta virtude e facilidade do vício oposto. Necessidade dela no padre. Meios para a conseguir e conservar.

*In oratione et jejunio.* Orar para este fim pela manhã e à noite, durante a Santa Missa, depois da Sagrada Comunhão. Jejum, isto é mortificação dos sentidos, não penitências sem conselho do confessor. Fugir das ocasiões: vence quem foge, quem tem medo. Resistir à tentação, dizendo não ou invocando auxílio do Céu, e procurando distrair-se com pensamentos santos ou coisas indiferentes. As tentações sempre, em toda a idade, em todas as ocasiões. Não se perturbar e aviltar às vezes o demónio espera ao menos obter um acto de impaciência. Não se lamentar, seria soberba refinada.

**7.ª Meditação.** Vida de Nosso Senhor. Decreto da Encarnação. Anunciação do Anjo. Execução do decreto.

*Humilitas, mansuetude, puritas.* Exame particular.

**8ª. Meditação.** Viagem de Nossa Senhora e de S. José de Nazaré a Belém para obedecer ao édito do imperador. Nascimento de Jesus. Canto dos Anjos e visita e oferta dos pastores.

**8ª. Conferência.** *Humildade.*

**1º.** Quanto é necessária esta virtude. **2º.** Quanto é útil. **3º.** Em que consiste. **4º.** Os meios para a alcançar e conservar:

**a)** Oração a Deus e meditação sobre a ignorância da mente, inclinação da vontade ao mal, desordem das paixões e pecados cometidos;

**b)** Considerar os exemplos de Nosso Senhor, da Santíssima Virgem e dos Santos;

**c)** Exame particular sobre esta virtude;

**d)** Exercício dela nos pensamentos, nas palavras e nas obras, porque com o exercício se alcançam as virtudes morais. É necessária porque Deus resiste aos soberbos e porque, como disse Nosso Senhor, se não nos parecemos como uma criança, não

poderemos entrar no Reino do Céu. É útil porque nos livra de muitos males e alcança-nos muitos bens. É uma virtude moral segundo a qual cada um as tem por aquilo que realmente é, isto é, uma coisa vil, e como tal deseja ser reportado e desprezado. A primeira parte é fácil a segunda difícil e própria dos santos.

**9ª.** Conferência. *Das três classes de pessoas ou dos três binários.* As duas primeiras lucraram cem libras ilicitamente. Têm remorsos, mas não querem restituir, as outras duas idem, mas querem-se salvar rezando o rosário todos os dias, só as últimas duas fazem bem porque estão dispostas a restituir tudo. É a reforma. Combater a paixão predominante com a oração e o exame particular. Fuga do pecado mortal e venial deliberado. Combate espiritual contra as tentações, firme e perseverante. Fuga das ocasiões.

Exercício das virtudes próprias do estado. Humildade. Castidade. Obediência. Caridade. Estudo. Zelo (que é a caridade quando diz respeito à alma do próximo e envolve a caridade).

**9ª.** Meditação. *Vida oculta de Jesus.* Progresso na ciência, na graça, trabalho. Progresso em Jesus na manifestação externa, não enquanto vindas do interno. O estudo deve fazer-se com recta intenção para dar glória a Deus e salvar as almas; pode oferecer-se ao Senhor como penitência e mortificação e em sufrágio das almas do Purgatório e pela conversão dos pecadores.

**10ª.** Meditação. Mistério de Jesus no Horto. Jesus em casa de Anás. Jesus no tribunal de Caifás.

**10ª.** Conferência. *Excelência da Santa Missa.* Significação mística das cerimónias: Salmo *Judica me*, pede a Deus livre o coração do exílio; *Confiteor* humildade e invocação da intercessão dos Santos; oscular o altar, oscular os pés de Jesus a quem o altar representa; *Orate Frates*, última vez que se volta ao povo antes de começar o grande sacrificio em que deve estar embebido; consagração. Jesus na cruz, etc.

Preparação remota, pureza da mente e exercício das virtudes;

*Próxima*, acto de fé, esperança, caridade, contrição, humildade.

Agradecimento *próximo*: acto de fé, adoração, caridade; petição para alma, salvação, firmeza, temporal; para os parentes, para os próximos, pecadores, almas do Purgatório.

Agradecimento *remoto*: oferecer o estado, agradecer, com jaculatórias.

**11<sup>a</sup>.** Conferência. *Oração*. Necessidade. Utilidade. Disposições: atenção da mente e desejo do coração, humildade, confiança, perseverança.

Divide-se em *extraordinária e ordinária*.

A *extraordinária* é ensinada pelo Espírito Santo a certas almas privilegiadas e não se pode desejar.

A *ordinária* subdivide-se em *vocal e mental* ou meditação.

A *mista*, como o rosário. Subdivide-se ainda em *privada e pública*. Esta é feita todos os dias por 300.000 sacerdotes. É uma oração sublime feita a Deus por ministros para isso deputados pela Igreja em nome desta e no modo por ela indicado. Inúmeros méritos adquire quem a faz bem.

**11<sup>a</sup>.** Meditação. Flagelação e coroação de espinhos. Subida do Calvário. Crucifixão e Crucificado.

## EXERCÍCIOS PARA O PRESBITERIADO.

(Meditação nº. 24)

Orario dei SS. Esercizi.

**(4/3/1908)**

5 – 2 – Levata.

6 – In capella. Punti della meditazione.

7 – 2 – In capella. Messa; colazione, in camera tempo libero.

9 – In capella visita al SSm<sup>o</sup>., Ore dell'Ufficio, lezione sp., in camera t.l.

10 – 1 – In capella. Punti della meditazione, in camera.

11 – 3 – In c. t. l.

12 – In capella esame generale e particolare.

12 – 1 – In capella. Litanie dei Santi.

12 – 2 – Pranzo, visita al SS.mo.

1 – 2 – Ritiro in camera, riposo.

2 – 3 – In capella. Visita al Santísimo, vespri e completa, considerazione

4 – Passegio in giardino in silenzio recitando salmi il resp. o oltre.

5 – In capella Matutino e Laudi.

5 – 3 – In camera tempo libero.

6 – 1 – In capella T. Della Meditazione, in camera .

7 – 3 – In camera tempo libero.

8 – 1 – Cena. Visita al Santísimo, ritiro in camera.

9 – 1 – In camera orazioni, esame di coscienza.

9 – 2 – Riposo.

### **1<sup>a</sup>. Principio e fundamento**

**1<sup>a</sup>.** L'uomo è creato per lodare, servire *amare* e servire Iddio nostro Signore, e mediante questo salvare l'anima sua.

**2<sup>a</sup>.** Le oltre cose sopra la terra sono create per l'uomo e perchè l'aiutino alla consecuzione del fine, per cui è creato. Donde segue, che l'uomo tanto ha da usarle quanto l'aiutino, e tanto lasciarle quanto lo impediscono da quello.

**3<sup>a</sup>.** Per lo che è necessario farsi indifferenti a tutte le cose create in tutto ciò che è compreso alla libertà della nostro libero arbitrio, e non le è proibito; di maniera che dal canto nostro non v'agliarne più sanità che infermità, riccheze che povertà, amore che disamore, vita lunga che vita corta, e per conseguenza in tutto al resto, solamente desiderando, ed eleggendo ciò che più ci è expediente al fine per cui siamo create.

**4<sup>a</sup>.** Excelência da vocação no sacerdócio, santidade que se requer no padre.

**5<sup>a</sup>.** Desinteresse que deve ter o sacerdote, desapego dos bens externos.

**6<sup>a</sup>.** Amor da castidade.

Necessidade desta virtude no padre. É a mais delicada e a mais combatida. Amor especial que Deus tem aos castos. Como castiga os que o não são. Guardas dos sentidos, especialmente dos olhos: reprimir a curiosidade. Meios de obter e conservar esta virtude: oração contínua pedindo-a e mortificação.

**7<sup>a</sup>.** Inferno.

*Qui inclinaverit oculos, ipse salivabitur.* Job, 22, 19. Proponete come un punto dei principali la custodia degli occhi.

**8<sup>a</sup>.** Esame di coscienza generale e particolare.

Necessarii per la vera pietà. Bisogna farli con vero spirito, non superficialmente nè per abitudine. Riguardo al particolare su il difetto dominante o su una virtù è necessario per sapere dove si deve portare l'attacco o la difesa nel nostro continuo combattimento spirituale contro i nostri nemici e per vincere se stesso, che è il mezo de arrivare a Dio, di acquistare la santità. Nella pietà non si deve procurare il dolce, ma il forte, che è, non il contento, ma la vittoria di se stesso.

**Regola 2<sup>a</sup>.** (*ad sentiendum et cognoscendum digno modo varias motiones quae in anima excitatae*) la seconda regola è que in coloro, i quali con fervore vanno

purgandosi dei loro peccati e avanzandosi di bene i meglio nel servizio di Dio nostro Signore, accade tutto l'operato della prima regola, perchè in tanti persone è proprio del malo spirito mordere, attristare e mettere impedimento inquietandola con false ragioni, affinché non vadano innanzi; e del buono spirito è proprio dare animo e forze, consolazione, lacrime, ispirazione e quiete, appianando e togliendo tutti gli ostacoli, affinché s'avanzino nel bone opere.

*Nota.* Il demonio non può volere se neanche Dio addietro e si cada chi si è convertito. Conviene dunque che gli si attraversi gl'impedisca di trovare nel servizio di Dio ciò che vi cerca; conviene che per disgustarnela gli dia molestia e pena quante più può(...)<sup>2</sup>.poi disperi di indurlo al male, (...)<sup>3</sup> istudiarsi per (...)<sup>4</sup> d'intraccirlo davvero nella praticab del bene e di lasciarne fare il meno possibile. A tali fini ha per costume di travagliare le persone di buona volontà con securità, confuzione di mente, perplessità, scrupoli, malinconie, tedi, amarezze di umore e desolazioni. Iddio all'incontro, il quale vuol fare che questa anime durinoe s'avanzino nel treve dee confortarle aiutarle, allertarle e rendere loro dolci il suo servizio e lo fa con tutte quelle maniere che dice la regola. Di qui è che ordinariamente nissuno è tentato o aiutato più di chi comincia. Tenga dunque questi per certo che non può venire se non dal malo spirito tutto ciò che lo turba e travaghise non dallo spirito buono tutto ciò che lo tranquillizza e conforta. Pensi chi è tentato che Dio non lascia tentare senza aiutarlo. *Qui dat potestatem tentatori, ipse et tentata praebet misericordiam.* Iddio non lo lascia tentare sopra le forse. *Fidelis Deus, qui non patitur non tentari supra il quad potetis*, ma da le forse secondo la prova e in fine de la vittoria a chi fa del canto suo ciò che può: *sed faciet cum tentatione proventuum, ut posites sustenere.*

**9<sup>a</sup>.** Confissão sacramento di misericordia.

Ao menos todos os oito dias. Oração preparatória, agradecendo os benefícios recebidos e pedindo bens e graças. Exame. Dor e propósito firme. Sinceridade.

**10<sup>a</sup>.** Morte.

---

<sup>2</sup> Palavra ilegível

<sup>3</sup> Palavra ilegível

<sup>4</sup> Palavra ilegível

Certa em si, incerta nas circunstâncias. Vigilate. Vida fervorosa, procurar agradar ao Senhor. Pensar de frequente na morte para bem regular a vida e fazer todas as acções como se fossem as últimas. Morre-se uma só vez. Pensar pela manhã que se pode não chegar à noite e à noite que se pode não chegar a ver a luz do outro dia.

**11<sup>a</sup>.** Necessidade da meditação.

Todos os dias ao menos um quarto de hora. Preparação remota (recolhimento), próxima (pensando-se o que se vai fazer, o que se quer, diante de quem).

**12<sup>a</sup>.** Breviário.

Digne, attente, devote. Deve-se recitar bem.

**13<sup>a</sup>.** Paraíso.

Ognuno può conseguire il cielo colla grazia di Dio che deve domandare.

**14<sup>a</sup>.** Imitazione di Gesù Cristo.

Il primo e principale motivo di dover noi imitare Gesù Cristo è la volontà di Dio Padre. L'altro motivo è l'invito che ce ne ha fatto l'istesso Gesù Signore nostro. Un terzo motivo è il bello di tale impresa considerata considerata in sè, e nelle sue condizioni, le quali certeza di non sbagliare, certeza di ricompensa proporsionata, certeza di aiuto incessante se non siano i primi a diffadarse della sua grazie, e a negarle il nostro concorso, o a cessare d'invocarla. Devo essere umile, forte, pendente, paciente, obbediente, caritatevole, puro, mansueto, come Gesù, imitandolo com grande generosità in queste virtù nelle diverse circonstanze della mia vita.

**15<sup>a</sup>.** La Santa Messa.

*Preparação remota:*

1º. Grande estima e apreço deste acto, o mais augusto da nossa santa Religião, pelo qual se dá a maior glória a Deus, se recorda a Paixão de Jesus Cristo e se socorre a Igreja, vindo o Filho de Deus incarnar-se nas mãos do sacerdote e renovando-se o Sacrificio da Cruz;

2º. Pureza de coração, de mãos de boca e de olhos.

*Preparação próxima:*

1º. Meditação antes da santa Missa ao menos durante um quarto de hora (S. Afonso e o B. Ávila requerem meia hora, S. Francisco de Sales ao menos um quarto de

hora), tendo-se preparado a matéria desde o dia antecedente, mesmo por um livro a sobre outro objecto que não seja a Missa;

2°. Na ida para a sacristia pensar no que se vai fazer, no grande mistério que se vai celebrar;

3°. Entrando na sacristia, dispor todos os pensamentos e cuidados estranhos ao Santo Sacrifício, não falar de outras coisas sobretudo enquanto se vestem os paramentos e assim guardar o recolhimento necessário;

4°. Na ida para o altar renovar a intenção de celebrar a Missa para dar honra a Deus, comemorar a Paixão de Cristo e beneficiar a Igreja;

5°. Durante a celebração empregar toda a diligência para fazer bem todos os ritos e cerimónias e ter a necessária reverência, dignidade, atenção e devoção. (Nas primeiras Missas, ainda que pela atenção que se requer para bem pronunciar as palavras e desempenhar as cerimónias, se diminua devoção, pouco importa, porque já com essa diligência e empenho se louva a Deus).

6°. Depois da Missa ao menos um quarto de hora de acção de graças, que se deve empregar bem, pedindo graças, sobretudo espirituais, não de um modo vago e indeterminado, mas em particular, para nós e para o próximo, porque então é a melhor ocasião. Nunca deixar de dizer Missa a pretexto de leve indisposição de saúde, de uma viagem, etc.

**16ª.** *Pie, juste et sobrie vivamus* (S. Paulo). Não basta ter piedade para com Deus (*pie*), é preciso além disso ter espírito de mortificação (*sobrie*).

Esta é de duas espécies: *externa* e *interna*. Passiva, se sofremos com paciência todas as tribulações e incómodos que durante o dia afligem o corpo e o espírito. É preciso mortificar o corpo, mesmo nas coisas lícitas, embora não seja necessário fazer penitências austeras. É preciso mortificar os olhos, porém sem exageros; a língua, a gula (diz um Santo que, sem mortificar a gula não se pode ninguém fazer santo); o tacto, não tocando ninguém.

Quanto à mortificação *interna*, é preciso mortificar a inteligência, não lendo, não procurando saber o que não convém, restando a curiosidade, e a vontade, não satisfazendo qualquer apetite e desejo que não seja razoável. Sofrendo com paciência as

injúrias e agravos, palavras ásperas, acusações, mesmo injustas, porque embora nesse caso particolare sejam injustas em si, eu mereço-as, porque sou peccador. Sem mortificação não se pode imitar Jesus. (Il zelo è figlio della carità... non iracundo, ma pacifico, dolce, deve essere semplice, prudente, desinteressato, costante, universale. Non si dimentichino anche i pericoli).

**17<sup>a</sup>.** Nascimento de Cristo Nosso Senhor.

1º. *Domino nostra et sponsus ejus Joseph eunt a Nazareth in Bethalem.* Sentimenti di soggezione e obbedienza e resignazione, di pace, in Giuseppe e Maria.

2º. (*Deperit Filium suum primogenitum, et pannis eum involvit, et reclinanit eum in presepio*). Umiltà fino della abbiezione e povertà di Gesù nella sua nascita.

3º. (*Facta est multitudo militiae coelestis, dicentium: Gloria in altissimus Deo*); Gesù nasce per dare gloria a Dio. Questo deve essere anche il nostre fine. Come cerchiamo la gloria di Dio. Nasce per portare la pace agli uomini. Pace con Dio nella prima soggezione e dipendenza. Pace con noi stessi nel vincere le passioni. Pace col prossimo nel esercizio della carità. L'avete voi questa pace? Ma come potete averla se rifuggite da quella umiltà, da quella mortificazione, da quel distacco che Gesù Cristo voghie (...) <sup>5</sup> fino dal nascere? Affeti di fede, di adorazione, di ringraziamento.

Rimorso del peccato, desideri e risoluzioni per l'avvenire.

Vince te stesso.

**18<sup>a</sup>.** Della vita di Cristo Signore Nostro dal 12 al 30 anno di sua età. In particolare: vita nascosta in Nazareth e andata al tempio.

La Santa Famiglia in Nazareth si da esempi di carità, di pace, concordia che risultano della umiltà. Gesù è obediante a Maria e Giuseppe e vive nascosto e nella oscurità per fare la volontà di suo Eterno Padre. Il sacerdote anche deve essere umile, amare la vita oscura e nascosta e essere obediante ai suoi superiori, nella cui volontà deve vedere la volontà di Dio. Deve vivere nella dipendenza e soggezione ad essi, anche nelle opere che vuole intrapendere, non li contrariando, altrimenti possono rovinarsi e rovinare altri, (...) <sup>6</sup> avessero zelo. Non deve attendere ai difetti dei superiori, che sono propri del'uomo, ma che sono rappresentanti di Dio. Nel tempio Gesù ci dà esempio di

---

<sup>5</sup> Palavra ilegível

<sup>6</sup> Palavra ilegível

distacco da le persone più care a Lui, perchè lo esige la volontà del suo Eterno Padre. Così il sacerdote, aiutate come può la sua famiglia, ma si essa ad altri procura distaccarlo dal servizio di Dio, dalla sua volontà, dica come Gesù «aparteti» (a la mia vocazione). In Nasareth Gesù ci dà ancorav esempio di lavoro nelle cose più umili ed sia Dio. Que esempio per sacerdoti! Oltreciò ci da esempio di impiego perfetto del tempo. Dunque non siamo (...) <sup>7</sup> e non impieghiamo il tempo in letture inutili e conversazioni o opere inutili. Finalmente è um abisso di umiltà il nascondimento della sapienza increata per 30 anni: ma era necessario per curare un altro abisso de superbia nell'uomo. E ancora che povertà quella di Gesù! 1.º *Erat obediens parentibus suis.* 2.º *Proficicbat sapientia et actate et gratia.* 3.º *Videctum exercitasse ostem fabrialem, ut viosinare videtur.* S. Mateus, cap. 6.

#### **19ª.** Obbedienza.

Porta con se pace, la propria santificazione e fecondità delle opere. Si debe obbedire con motivi e fine supernaturali, vedendo Iddio nell superiori, che è suggeto a miserie e può errare. Il sacerdote, ancorchè abbia fatto piani che creda buoni, se si trova sotto un vescovo che non vuole tale che si adoperino, si rassegni. Si devi uscire dalla sagrestia, non per fare il tribuno della plebe, fomentando odio e discordi, ma per fare opere utili al bene spirituale e temporale al popolo, e questo come mezo per lo spirituale, e senza lasciare il confessionale, il catecismo e la chiesa. Lòbbedienza è il resumo di tutte le virtù. Si debe obbedire anche quando non piace e quando le vedute nel superiore vano contrari alle nostre. Lòbbedienza è necessaria nella (...) <sup>8</sup> e Dio che ha providenza da le sue ordini per mezo dei superiori e anche errando questi ci può conclusionarci suoi fine.

#### **20ª.** Carità verso il prossimo.

Amore sensibile, originato dalla conformità di temperamento e sentimenti, in se non è cattivo, ma è pericoloso e può diventare cattivo si non è frenato: indi li amicizia particolari, che sono la peste delle comunità, poichè contro la comunità fraterna. Amore virtuoso, prodotto dalla virtù che há una personai: questo è buono, ma bisogha dirigerlo a Dio, farlo sovranaturale. Amor di carità, per quanto si ama il prossimo in Dio e per

---

<sup>7</sup> Palavra ilegível

<sup>8</sup> Palavra ilegível

Dio. È il secondo precetto della legge e un precetto speciale del Signore. È un contrassegno di predestinazione (Parábola del Samaritano). Da essa risulta la unione e la concordia necessaria nella società e specialmente fra i sacerdoti. La discordia è fonte di molti peccati, distrugge le buone opere comuni o le impedisce e come causa della mancanza di tranquillità, impedisce di progredire nel servizio di Dio e nella santità. Fate bene al prossimo e distagiate da lui il male che potete

**21<sup>a</sup>.** Meditazione di due (...) <sup>9</sup>

Dobbiamo distaccare il cuore, l'affetto dalle ricchezze, dagli errori e dai piaceri leciti, ancorché in un'umiltà abbiamo bisogno di usare queste cose. Dobbiamo avere amore e zelo della salute del prossimo e cooperare per salvarlo...

**22<sup>a</sup>.** Dell'ultima cena di N. S.G. C.

**23<sup>a</sup>.** Della santa umiltà.

Conoscenza del proprio nulla. Fondamento delle altre virtù. Umiltà nei giudizi, nelle parole, nelle azioni. Suggerimento del proprio giudizio. Ancorché un superiore, male informato, ci stimasse male e ci facesse qualche cosa meno giusta, e non potessimo riuscire a (...) <sup>10</sup> il suo giudizio a nostro riguardo dovremmo soffrire con pazienza questa umiliazione, altrimenti la passione della superbia ci potrebbe portare a gravi eccessi. Il vescovo può provare l'umiltà di un sacerdote, anche illustrato e virtuoso, e non dargli per ciò un posto onorevole, ma farlo capellano o parroco. Altrimenti, se uno non si umilia e non si rassegna, poi rovinarsi, e non deve procurare come che forare il vescovo a dargli tale a tali posto. Quante umiliazioni soffrì Gesù nella sua passione!

**Regola** per ordinarsi nel vitto.

**Regola 7.<sup>a</sup>** Sopra tutto si guarda che l'anima sua non istia tutto intento a ciò che mangia, né vada frettoloso nel mangiare per l'appetito, ma sia padrone di sé, così nel modo di mangiare come nella quantità che mangia.

**Regola 8.<sup>a</sup>** Per non disordinare grave molto che dopo pranzo o dopo cena o in altra ora, sin cui non senta appetito di mangiare, determini suo per il pranzo e per la cena seguente, e così in seguito ogni giorno, la quantità che conviene che mangi, la quale non oltrepassi, né per quanto sia l'appetito, né per tentazione alcuna; ma anzi per

---

<sup>9</sup> Palavra ilegível

<sup>10</sup> Palavra ilegível

vincere ogni appetito disordinato e ogni tentazione del nemico si è tentato a mangiare di più, mangi di meno.

**24<sup>a</sup>.** Meditazione di tre classe di uomini.

Bisogna essere generoso e liberale verso Dio, togliendo da noi ogni affetto alla cose di questo mondo, e collocandoci nelle sue mani. 1.<sup>a</sup> La 1.<sup>a</sup> classe vorrebbe togliere l'affetto, ma non pone in pratica i mezzi. 2.<sup>a</sup> La 2.<sup>a</sup>. Vuole il fine, ma vuole adoperare solamente una parte dei mezzi necessario per arrivarsi. 3.<sup>a</sup> La 3.<sup>a</sup>. Classe conoscendo nel suo attacco un vero peso che grava l'animo, e un vero impedimento per salvarla e trovare Dio in pace, vuole risolutamente togliere l'affetto ai ducati pessoduti. Non há altra volontà di si tener.

Il popolo va dove è condotto: la sua regola é l'autorità: giudica e sentenzia nell'altrui parola, e, se è guasto e coroto, uno o pochi furbi maligni bastano li, o lasciarli che la volontà stessa di Dio.

**25<sup>a</sup>.** Dei misteri avvenuti dalla casa di Pilato alla croce inclusivamente.

Distacco dalla roba, dagli onori, dai piaceri. Amore alla povertà. Alle ignominie e ai dolori, ai patimenti, alle sofferenze.

**26<sup>a</sup>.** Rissurrezione di Gesù Cristo N. S., aparizione alla Maddona.

Patire con Gesù per essere glorificato con Gesù. Aprire il cuore alla confidenza, il buono spirito produce pace, allegrezza. Diffidare di noi stessi, ma non avere paura e mettere tutta la confidenza in Dio, che è vicino per (...) <sup>11</sup> e darci il premio, purchè operiamo con discrezione e abbiamo volontà di fare il bene.

Frutto e petizione: sentire viva soddisfazione e contento per la gloria e pel gaudio di Cristo mio Signore e di Maria SS.

La testa della Chiesa, la testa di ogni ordine sociale, é l'autorità concreta, raccolta nella persona di chi ne sai legittimamente rivestito; ad al cattolico pendente non si limita a rispettarla. L'autorità quando essa vá onorata di quella virtù che possono renderla più decorosa, ne si contenta di non (...) <sup>12</sup>

**27<sup>a</sup>** Divozione al S. Cuore de Gesù.

---

<sup>11</sup> Palavra ilegível

<sup>12</sup> Palavra ilegível

Amarlo e imitarlo, crescendo così nelle virtù di cui ci dà esempio, e attingendo zelo per la salute delle anime. Promesse di convertire per mezzo della sua divozione i peccatori più induriti. Grandi grazie e benedizioni. Mezzo efficace e sicuro per acquistare la santità Propagar questa divozione. Dire la santa Messa per onorare il cuore di Gesù, fare la visita a Gesù sacramentato ogni giorno. 3°. Apostolato della preghiera: offerire le orazioni e le opere etc. sofferenze .

#### **28<sup>a</sup>. Devozione alla Madonna.**

Gesù l'ha onorato e prediletto anche prima di farsi uomo. Vuole che tutte le grazie passino per le mani di lei. Predicare la devozione di Maria è un mezzo di convertire le anime. Ella ci ha fatto tanti beneficii ai sacerdoti ha dato la vocazione e li ha liberato dai pericoli di perderla. Fa diventare fruttuoso il ministero sacerdotale. Questa divozione è un segno di predestinazione, come dicono i santi. Mezzi per nutrire questa divozione che dobbiamo cercare in noi: rosario ogni giorno e ben recitato, tre Ave Maria alla mattina e alla sera, l'Angelus tre volte al giorno e l'abitino del Carmine e della Concezione. I sacerdoti hanno più obbligo di essere devoti di Maria degli altri. Titoli di Maria a questa divozione, dignità di Madre di Dio e il fatto di essere la nostra madre.

## MEDITAÇÕES - II<sup>13</sup>

### A FLAGELAÇÃO

(Meditação n.º 25)

1. Não é uma aplicação do espírito que este assunto reclama; temos muito simplesmente de abrir os olhos e olhar. Se não nos sentirmos tocados de compaixão à vista do suplício espantoso que Jesus então suportou, é que O amamos muito pouco. Ao pé da coluna a que o iam amarrar, a multidão estava descuidosa, despreocupada e via com indiferença os preparativos do suplício. Que não sejamos do número daqueles que semelhante espectáculo deixava insensíveis!

Uma alma que ama verdadeiramente a Nosso Senhor sente a necessidade de o desagravar, de o compensar de tal insensibilidade por um redobro de ternura.

Quanto devia custar a Jesus, que era a própria delicadeza e o próprio pudor, que o despojassem dos seus vestidos diante de toda aquela multidão! Ele expiava nesse momento todas as indecências que deviam cometer-se neste mundo até ao fim dos séculos, todos esses pecados de que o reinado do Evangelho devia ter estancado a fonte e que nas nossas sociedades cristãs se dão tão livre curso, como em pleno paganismo. Pensamos bastante nessas ignomínias que Jesus contempla do seu sacrário? Oferecemos-Lhe actos de reparação bem frequentes por esse sofrimento, que foi infligido então ao seu Coração e pelo ultraje que esses crimes fazem sem cessar subir até à sua Majestade três vezes santa?

Nós estremecemos à vista dos flagelos que os algozes têm nas mãos e que devem ferir a carne adorável de Jesus, flagelos armados de pequenos ossos e de bolas de chumbo e que causavam ao paciente um sofrimento tão grande que desmaiava muitas vezes logo aos primeiros golpes. E Jesus, apesar da tortura atroz que sofria, retinha a

---

<sup>13</sup> Meditações efectuadas não individualmente, mas para a comunidade, provavelmente depois de ter fundado a sua Congregação Religiosa.

vida prestes a fugir-Lhe; os golpes chovem sobre o seu corpo sagrado e, para saborear melhor esse suplício, conserva toda a sua sensibilidade, toda a sua faculdade de sofrer.

Espectáculo cruel! Suplício atroz! Suplício horrível! A sua carne voa em pedaços; o sangue corre de todo o seu corpo; a coluna, o pavimento, os próprios algozes estão cobertos dele; os golpes não caem senão sobre chagas. E o furor desses monstros de aspecto humano não está ainda de modo nenhum aplacado. Eles continuam a ferir, até que finalmente um deles, recordando-se de que a vítima está reservada para outro suplício, corta os laços que atam Jesus à coluna; e Jesus cai banhado no seu sangue.

Jesus encontra-se no estado em que O contemplou o profeta: *“O opróbrio dos homens, mais semelhante a um verme da terra do que a um homem. Desde a planta dos pés até à cabeça, não há nada que não tenha o seu sofrimento; e essa chaga universal nem enfaixada nem mitigada por algum remédio. Nós vimo-lo: não lhe restava nada da Sua beleza. Estava presente aos nossos olhos e nós perguntávamos onde é que estava. Não encontramos senão um homem de dores, um homem que a mão do Senhor tinha ferido; porque foi ferido pelas nossas iniquidades, despedaçado pelos nossos crimes”*.

2. Como Jesus se representa belo através do sangue que do seu corpo escorre neste momento! Não podemos esquecer que foi por nós que o derramou. Uma só gota desse sangue divino teria bastado para a redenção de mil mundos; mas o seu amor não podia contentar-se senão com a condição de que não restasse uma só gota dele nas suas veias; e, depois do suor de sangue no Jardim das Oliveiras, é o horrível suplício da flagelação. Que ingratidão seria a nossa se O não contemplássemos com ternura sob os golpes do pretório e se não Lhe retribuíssemos amor por amor! A bondade e a beleza são as duas coisas que determinam o nosso amor; e nós o vemos neste momento bom, de uma bondade que nos esmaga, belo de uma beleza que esconde infinitamente todas aquelas que despertam de ordinário a nossa admiração

Procuremos recolher a lição que Jesus nos dá na sua flagelação e decidir-nos finalmente a seu exemplo mortificar os nossos sentidos.

Que inimigo é para nós a sensualidade! Sem falar das tentações da impureza, contra as quais, enquanto conservarmos um sopro de vida, havemos de nos precaver, com o auxílio da graça, não somos levados a lisonjear sem cessar a nossa carne, a

procurar as nossas comodidades, afastar tudo o que pode ser para nós motivo de mortificação? A luta neste terreno é de todos os instantes: mortificação dos olhos que querem ver tudo; mortificação da curiosidade em busca de todas as novidades; mortificação do gosto que procura as delicadezas da mesa; a mortificação da língua que prodigaliza palavras inúteis. Quantas ocasiões de méritos, se quisermos, mas, aí que ocasiões de queda, se não usarmos de vigilância incessante!

Por ventura, para nos impedir de sacrificar jamais à sensualidade, não deveria bastar este pensamento: *“Queres exercer para com Jesus a função dos algozes que o flagelaram? Cada pecado de sensualidade que cometes, é uma chicotada na sua carne sacrossanta. Tornar-nos culpados de tal crime depois de tudo o que Jesus fez por nós?... Oh, nunca! Antes a morte que semelhante ingratição”*.

E não devemos contentar-nos de renunciar a toda a sensualidade que possa desagradar a Nosso Senhor; o seu amor incita-nos a ultrapassar nesta matéria o que é obrigatório e a multiplicar as mortificações que não são senão de conselho. Os nossos sentidos são os inimigos de Jesus, os inimigos do seu reinado em nós; são obstáculos à vida interior, à vida de intimidade com Ele. A guerra que lhes fizermos não será pois nunca demasiado violenta: podemos mortificar-nos muito sem excedermos os limites da prudência. Peçamos-Lhe com todo o ardor da nossa alma que, por todo o sangue que derramou na coluna do pretório sob os golpes da flagelação, nos ampare e anime, nos dê força e coragem, na luta enérgica que queremos doravante sustentar, em cada dia da nossa vida, em cada hora, em cada momento, contra a nossa sensualidade.

# A CASTIDADE

(Meditação nº. 26)

*“Bem-aventurados os corações puros,  
porque eles verão a Deus” (Mt.5,8).*

Se é justo celebrar a beleza divina duma alma casta, este elogio talvez não baste. Como se há-de praticar bem o que se conhece mal? Antes de saber se esta virtude é bela, querer-se-ia saber o que ela é. Ora a experiência prova com uma evidência cruel que poucas almas, sobretudo entre as mais piedosas, conhecem com exactidão a natureza da castidade; e a sua ignorância é muitas vezes a causa de perturbações e de grandes provas!

Diz-se e repete-se às noviças: *“O vosso rosto é como um espelho que o menor sopro embacia”*.

É um erro funesto.

Como a verdade liberta, procuremos libertar estas almas, para que, a exemplo de Maria, possam tornar-se todas verdadeiramente belas como Deus Nosso Senhor!

## **I. Natureza da castidade.**

De bom grado se afirma desta virtude que ela proíbe todos os prazeres do corpo, de tal sorte que a alma não ache prazer senão em Deus. Que há de verdade nesta noção tão vaga, tão imprecisa?

Vejamos os *princípios*.

**a) Estabeleçamos em primeiro lugar a verdadeira doutrina do prazer.**

O prazer, dizem os filósofos, é o fruto duma operação. Toda a faculdade que opera segundo a sua natureza recolhe do seu acto um prazer. Os olhos são felizes em ver cores que os lisonjeiam, os ouvidos em perceber sons melódiosos, o espírito em atingir a evidência, o coração em amar a bondade. Quando o acto se efectua sem esforço,

termina por um prazer.

Se tudo isto é natural, a verdadeira causa é Deus. O querer natural é, portanto, querido por Deus. Mas porque é que Deus o quis? Por causa do plano admirável da Providência que, procurando o nosso consenso, o obtém pelo atractivo dos actos necessários. Deus tornou as nossas operações agradáveis para nos excitar a fazê-las. Isto é tão verdadeiro, diz S. Tomás, que, quanto mais necessário é um acto, mais prazer Deus lhe comunicou. Ora há dois actos absolutamente indispensáveis: um para conservar o indivíduo: comer, e daí os prazeres da mesa; o outro ainda mais necessário para conservar a espécie humana: procriar, e daí o prazer da geração.

Em si mesmas, as alegrias físicas não têm gosto moral. O acto da vontade que faz rebentar a sua fonte, dá-lhes toda a sua moralidade; quando, tomando consciência do beneplácito divino, o nosso livre arbítrio se conforma com ele ou o repele pelo pecado. Ora já dissemos que a Providência oferecendo-nos um prazer, se propunha um fim que devíamos atingir por meio dum acto cujas modalidades ela fixa.

A quem, pois, nos perguntar: *“Posso gozar deste ou daquele prazer?”* responderemos: *“Sem dúvida alguma, se, respeitardes o seu fim providencial e, se para o atingir, seguirdes a via ordinária”*. Mas como, seguindo-a, chegareis forçosamente ao fim, resta que, fazendo tal como Deus o quis o acto que faz jorrar a fonte das alegrias físicas, tendes o direito de as saborear como um dom natural de Deus.

Por consequência, visto que o prazer ou a pena física não têm de si mesmas nenhum gosto moral, o teólogo não julga sob este ponto de vista da moralidade dos nossos actos; mas só pela sua conformidade com a vontade divina. Donde ele conclui e importa não esquecer esta doutrina essencial: que a virtude directamente não está no prazer, mas só nos actos que são a origem dele.

Ora pertence à temperança, regular em nós todos os actos que nos fazem experimentar gozos sensíveis e, portanto, moderar o prazer natural. E são as virtudes, filhas da temperança como se exprimem os teólogos, que, têm por missão regular cada uma delas um acto especial, causa de gozos particulares.

Assim, a abstinência modera os prazeres da mesa, regulando o beber e o comer. Assim, a castidade modera os prazeres da procriação, regulando o acto de gerar.

b) *Eis-nos agora na posse de princípios seguros para estabelecer solidamente a doutrina da castidade e expor a sua prática.*

O objecto próprio desta virtude não pode, pois, ser um prazer, mas um acto; e o único acto que lhe interessa é a procriação, que ela regula segundo a vontade de Deus. Ora, Deus determinou que o acto de gerar exigisse a união do homem e da mulher e que esta união não devesse existir senão no estado do matrimónio. Por esse motivo, todo o acto e todo o prazer que não tenha relação com a procriação não interessam directamente virtude da castidade. Pelo contrário, o matrimónio não permite, mais que qualquer outro estado de vida, saborear o seu gozo próprio senão no acto de gerar. A natureza humana é, com efeito, a mesma em todos; e a divina castidade é uma lei da natureza.

Por outro lado, sabemos que esta lei é grave, porque assegurando a existência do género humano, continua a obra da criação. Por consequência, todo aquele que ultraja a castidade, pretende arruinar a obra de Deus.

À luz destes princípios, os moralistas são unânimes em reconhecer a gravidade singular da matéria própria desta virtude. Violá-la explicitamente, não só por um acto, mas mesmo por um pensamento ou por um desejo, é cometer um pecado mortal. Não é, por ventura, digno de execração querer subverter o plano admirável da Providência que tem por fim conservar a criação humana? De facto, está já lavrada a sentença contra os violadores da divina castidade: *“Nenhum desses entrará no reino do Céu”*. É S. Paulo que o diz, na sua primeira epístola aos habitantes de Corinto.

## ***II. A prática.***

Não é de admirar que, na prática, o voto de castidade não exceda a virtude. Ele não podia ir mais longe. Mas é preciso saber até onde vão os dois. Para isso estabeleceremos duas regras doutrinais que nos permitem determinar os três graus de ordem prática, pelos quais a alma se eleva para uma pureza ideal.

### *Primeiro grau: a Castidade Comum*

Em virtude do primeiro princípio, só o prazer especial da procriação interessa indirectamente a castidade, e não toda a alegria sensível que compete à santa modéstia

moderar formalmente.

Mas esta virtude não se amedronta com o prazer natural dos sentidos, contanto que o saboreemos em dose moderada. Porque se Deus encheu de perfume o cálix das flores, se pôs carícias nos dedos da aragem, se revestiu de esplendor os lírios dos campos e ensinou as avezinhas a gorjear as suas melodias, se espalhou tanta beleza sobre toda a natureza e se nos deu sentidos para perceber esses encantos, é sem dúvida para que os reconheçamos, lhe demos graças e O bendigamos por eles. Ele mesmo não achou que a sua obra era bela e boa e não se comprazeu em admirá-la no próprio dia em que a criou?

A aceitação desse prazer pode ser até excelente, se os actos que no-lo proporcionam, somos obrigados a praticá-los por motivo de ciência ou de higiene, por obediência ou por caridade.

Sentimos por esse prazer um atractivo excessivo? Pecamos contra a modéstia sem tocar na castidade. Pode-se até acrescentar para nossa consolação que, no dizer de S. Tomás, a matéria das virtudes que regulam as nossas faculdades sensíveis é moralmente bastante leve.

Todavia, sucede que esse prazer sensível se degrada em prazer sensual sob o esforço duma imaginação perversa ou duma vontade culpável.

Por causa de tal perigo, pode ser, efectivamente, uma imprudência mortal saborear sem comedimento, sem moderação, toda a alegria puramente sensível. Mas ofender a prudência mesmo com uma falta grave, não é formalmente violar a santa castidade.

# A DELICADEZA

(Meditação nº. 27)

I. Segundo o grande filósofo francês Bergson, há três formas de delicadeza: a delicadeza de maneiras, a delicadeza de espírito e a delicadeza do coração.

Esta última é a mais preciosa de todas. A delicadeza do coração é intimamente penetrada não só de respeito, mas de amor pelo próximo. É, no fundo, caridade. Sabe encontrar para cada um a palavra própria, levar às almas tímidas e inquietas “*o efeito de um raio de sol sobre uma campina desolada*”. Sabe tocar em cada um dos que nos rodeiam “*aquela fibra privilegiada que não ressoa sem que todas as potências da alma vibrem em uníssono*”. A bondade não chega para esta delicadeza do coração. É necessário que a ela se junte um conhecimento profundo do coração humano. E deste conhecimento do coração humano pelo qual a bondade se refina em delicadeza é o catecismo o melhor compêndio. A delicadeza do coração é, no fundo, uma doação total aos outros da justiça e do amor que lhes devemos. E esta ciência é, substancialmente amor de Deus. A delicadeza do coração é a doação total em Cristo do amor de Deus que vivermos e na medida em que o vivermos.

II. - Entregas-me sem reserva e irrevogavelmente o teu coração, a tua alma, a tua inteligência, a tua vontade, o teu corpo, todo o teu ser com todas as suas faculdades, para que Eu disponha de tudo absolutamente e segundo a Minha vontade?

- *Sim, Senhor, pela Vossa graça, assim o quero.*

- Consentes em submeter-te de tal maneira à Minha vontade, que não haja no mundo coisa alguma que possa fazer-te hesitar quando se trata de a cumprir, desde as coisas mais pequenas até às maiores, uma vez, bem entendido, que tenhas a aprovação dos teus Superiores?

- *Sim, Senhor, consinto de toda a minha alma; mas dai-me a graça da fidelidade.*

- Consentes em sofrer todas as penas que Me aprouver que sofras, quer no teu

coração, quer no teu espírito, quer no teu corpo?

- *Sim, Senhor, consinto, esperando da Vossa Misericórdia a força de que para isso tenho necessidade.*

- Consentes sobretudo em sofrer todas as espécies de penas interiores: tentações de toda a ordem, tristeza, desgostos, contrariedades, enfados, desolação de coração, aflições e espírito, temores, cuidados, desamparos, abandono, secura, aridez, revoltas da natureza, coisas estas que te causam tanto terror e que tens tanta repugnância em suportar? Diz-me, minha filha, consentes em sofrer tudo isto?

- *Ah! Apesar do terror que gela o meu coração em face dessa perspectiva, sim, Senhor, consinto e ponho em Vós toda a minha esperança.*

- Consentes em ver-te desamparada, rejeitada, desonrada, coberta de ignomínia e objecto de opróbrio público, como Eu mesmo o fui?

- *Sim, Senhor, consinto de todo o meu coração.*

- Consentes em suportar as injúrias, os ultrajes, os mais violentos maus tratos da parte dos teus melhores amigos e daqueles por quem tu mais ferires e mais sofreres?

- *Sim, Senhor, consinto.*

- Consentes em ouvir classificar de loucura e extravagância as tuas mais santas empresas e os teus desejos mais louváveis?

- *Sim, Senhor, consinto; mas, ai, que o opróbrio recaia unicamente sobre mim e não sobre Vós.*

- Consentes em ver a tua conduta interior e exterior, embora governada e dirigida inteiramente por Mim, condenada, censurada, caluniada e envolvida em suspeições odiosas pela malícia e pela inveja?

- *Sim, Senhor, consinto; contanto que eu me submeta à vontade dos meus Superiores, que mais me é preciso?*

- Consentes em ver-te abandonada pelos teus melhores amigos e até por aqueles com cuja afeição, apoio e fidelidade mais podias e devias contar?

- *Vós, cujo olhar penetra em todos os recessos do meu coração, Vós vedes, meu bom Senhor, o que ele sofre neste momento; todavia, se é essa a Vossa vontade e se é mister que suporte isso por Vosso amor, ah!, eu consinto-o de todo o meu coração. O*

*que ousou pedir-Vos, é que me deixeis sempre o espírito de respeito pelos meus Superiores, o espírito de caridade para com aqueles que me retirarem a sua estima, o espírito de humildade para desconfiar sempre das minhas ideias.*

- Consentes em ver as empresas mais contrárias às tuas seguidas dos êxitos mais brilhantes, ao passo que as tuas, posto que sugeridas por Deus, serão rejeitadas e desprezadas?

*- Ah! Senhor, consinto ainda, se é essa a Vossa vontade adorável.*

- Consentes em suportar já os sofrimentos do corpo, já as penas do espírito, já as aflições exteriores, e muitas vezes tudo isto ao mesmo tempo?

*- Sim, Senhor, consinto.*

- Consentes em ver-te no meio de todas estas penas que acabo de indicar, oprimida de trabalhos e de fadigas, privada do repouso mais necessário e até do alimento mais indispensável, sem consolações e sem apoio sensível, enfim, destruída de todo o alívio, de todo o recreio, de todo o divertimento, de todos os prazeres, de todos os bens exteriores e sensíveis?

*- Ah! Se eu Vos possuir, ó meu Jesus, se eu sentir em mim e se eu professar sempre a sujeição mais completa aos ensinamentos da Vossa Igreja e à palavra dos meus Superiores, que mais me é preciso? Sim, eu consinto em perder tudo o mais. De resto, não sois Vós o meu Senhor e tendes por ventura necessidade de pedir o meu consentimento?*

*E esse consentimento que me pedis, se Vo-lo dou com tanta alegria, não é porque sei que sois o Meu Pai e que um pai, mesmo quando bate, mesmo quando castiga, é sempre bom?*

# A HUMILDADE

(Meditação nº. 28)

## 1. Sinais da verdadeira humildade.

Confiança à vista das próprias misérias. A vista da nossa miséria poderia causar o desânimo. E este mal é particularmente de temer nos Noviciados. Com efeito, a alma que vive nesse retiro conhece-se muito melhor e vê mais claramente as suas misérias do que quando estava no mundo, onde reflectia pouco e se julgava virtuosa quando sobre a sua consciência pesavam faltas graves.

Por outro lado, encontra-se em face da vida religiosa que lhe aparece em todo o seu esplendor. Da comparação que ela faz do que é com o que deveria ser, com o que seria preciso que fosse, resulta uma impressão dolorosa de insuficiência, de impotência. (Não posso, não sou capaz, não sei - proibição à entrada no noviciado). Ela não está longe de dizer: *“Eu nunca poderei, eu nunca serei capaz”* e de desanimar. O inimigo de todo o bem, o demónio, aviva ainda mais a ideia que ela faz da sua miséria para lhe fazer deixar o seu desígnio e abandonar a sua vocação (Maria Teresinha). Quando a alma se deixa cair neste laço, é que tem falta de fé, e que não soube, com um segundo olhar, contrabalançar o que a vista da sua miséria tem de perturbador. Numa palavra, ela esqueceu-se, depois de se ter visto a si própria, de olhar para o seu Salvador. E nunca se deve esquecer disto.

Depois de terdes visto a vossa pobreza, dissei: *“Se eu estivesse abandonada a mim mesma, estava perdida. Mas então para quem veio Jesus à terra? Acaso não disse Ele: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores?»”* Ele é o trapeiro divino que veio buscar à terra pobres farrapinhos para fazer deles mantos reais. Ao meu orgulho, Ele oferece os auxílios da sua humildade; à minha preguiça, o auxílio dos eus trabalhos; à minha sensualidade o auxílio dos eus sofrimentos; à minha fraqueza o auxílio da ua cruz; à minha morte o auxílio da ua morte e da sua ressurreição. E para dizer tudo numa só palavra: a mim, tal como eu sou, Ele oferece o seu Amor.

Por ventura, rejeitou S. Pedro, porque esse Apóstolo privilegiado O tinha

abandonado, O tinha renegado e renegado três vezes?... Ele chamou-me como o tinha chamado a ele; cumulou-me de graças como o tinha cumulado a ele; admitiu-me à sua intimidade, como o tinha admitido a ele. Eu fui ingrata como ele foi; recorro à misericórdia e encontrarei a caridade.

Já consideramos as grandezas da humildade em Deus. Vimos que, quando o pecador se obstina cegamente contra a misericórdia divina, então é cem vezes, mil vezes, que Deus lhe renova o oferecimento do seu perdão. Ele ilumina, Ele inspira a sua alma; Ele vai até ao ponto de comover o seu coração. E o pobre pecador rende-se. E Deus Nosso Senhor descreveu esta ternura divina sob a figura do Pai do filho pródigo e Deus emprega, em limpar as manchas da sua alma, uma humilde ternura de que não se aproximam sequer os actos de humildade mais tocantes, prodigalizados àquelas de que ela trata, pela mais heróica enfermeira.

E se Jesus, o Médico Divino, procede assim para com as almas mais pervertidas e mais rebeldes, Ele não abandona, por causa das suas ingratidões, por causa das suas infidelidades, por causa das suas fraquezas e misérias, por maiores que elas sejam, acreditai-me por favor, filhas queridas mas incrédulas que me ouvis Ele não abandona uma alma que uma vez escolheu para a vida religiosa. Essa alma é, a seus olhos, o que foi para Ele o povo judeu: o povo escolhido, o povo das promessas. Esse povo das divinas predilecções está cativo no Egipto; a bondade divina suscita-lhe um chefe: Moisés. Todos os obstáculos se erguem diante das tribos no momento em que elas aspiram à libertação e em que querem marchar para a Terra Prometida: o mar, o deserto, os rios, os inimigos poderosos deviam deter a sua marcha. E o braço do Omnipotente divide as águas do mar; a mão generosa alimenta o povo no deserto com o Maná descido do céu; ela obriga os rios a reabrir o seu curso; ela detém o esforço dos inimigos. E até as faltas, as ingratidões, daqueles que são tratados com esta bondade providencial não têm a força de a afastar do seu caminho.

É essa a história, a divina e encantadora história, da alma religiosa, da alma consagrada, de cada alma em particular. O Divino Rei de Amor revolveria o mundo antes que abandonar essa alma na realização do seu destino...

Ó minhas queridas Filhas, como sois felizes e como deveis ser reconhecidas

para com o Senhor! Vós sois a porção escolhida da sua grei; Ele fez das vossas almas as benjamins do seu Coração amantíssimo; Ele vela por vós mais ternamente que o mais extremo dos pais e que a mais carinhosa das mães!

E não compreendeis talvez tamanha ventura, tão grande graça de predilecção e, surdas à voz tranquilizadora quando representa a Deus junto de vós, sois capazes de estragar, ao menos em parte, os tesouros da vossa imensa, da vossa inefável felicidade, daquela felicidade que faz da vida religiosa bem compreendida, um verdadeiro paraíso antecipado. Eu que vos quero como às pupilas dos meus olhos, quantas vezes sinto o desejo de chorar de alegria ao considerar a vossa felicidade e quantas vezes sou tentado a chorar de tristeza, verificando que a não sabeis compreender e gozar e tirar dela todo o proveito para a glória de Deus e para a vossas santificação!

## **2. Aceitação do desprezo dos outros.**

Não basta que, conhecendo-nos a nós mesmos, tenhamos baixos sentimentos da nossa pessoa. Devemos estar prontas a sofrer que os outros nos conheçam com as nossas imperfeições, com os nossos defeitos e que nos desprezem.

Vede como Nosso Senhor se deixou conhecer como pobre, como filho dum artista, artista Ele próprio; como Ele se deixou levar ao templo e resgatar, tornando-se semelhante aos homens pecadores.

E enquanto os homens desdenhavam Dele por causa dessa humilde condição, escondia-lhes a sua divindade, cujo mínimo raio os teria mergulhado na admiração e no assombro.

E nós, nós não quereríamos que se conhecesse a modesta situação da nossa família; nós quereríamos passar por ser alguma coisa!...

Nós não quereríamos que se notassem a nossa falta de instrução, de educação, de habilidade, de competência. Nós desgostar-nos-íamos se se verificasse a nossa pouca inteligência, o nosso fraco critério, a nossa míngua de memória, a nossa carência de aptidão para o trabalho!...

Nós quereríamos ser respeitadas, consideradas, estimadas!

Que é que o Mestre Divino pensaria de nós? Na sua escola, aprendamos a

verdadeira ciência da vida cristã, da vida religiosa.

Há quem diga: eu quero que me conheçam, desejo ser conhecida das minhas superiores, mas não quero ser desprezada por elas... Deixai às vossas superiores o cuidado e a caridade de vos estimarem como devem e reconhecei simplesmente que há em vós coisas desprezíveis. O espírito de fé vos convida a abandonar-vos aqui nas mãos da Divina Providência e a aceitar serdes desdenhadas, se Ela o permitir. Não temais, sereis julgadas antes com favor que com rigor...

Outras dirão: que as pessoas que estão acima de mim me julguem, compreendo-o e quero-o; mas que as minhas companheiras pareçam fazer pouco caso da minha pessoa, não o posso suportar. E porquê não o suportar? Sem dúvida as vossas companheiras fazem mal, faltam à caridade, se vos olham com desdém. É orgulho da sua parte. O dever delas é amar-vos e ter atenções e preferências para convosco. Mas a vossa obrigação é aceitar os seus desdens, reconhecer que o nada e o pecado que estão em vós não têm direito a outra coisa.

Entrai francamente nestes sentimentos de esquecimento da vossa pessoa e vereis de que paz eles são a fonte...

A felicidade na vida religiosa depende em grande parte deste estado de alma, desta simples e doce aceitação do tratamento que vos dão as criaturas.

Na humildade, há um escolho a evitar: censurar-se a si própria para provocar elogios. É a chamada humildade de gancho. Começemos por não falar de nós nem em bem nem em mal. Além disso, concordemos com simplicidade com o fundado das conversas que ouvirmos. Aceitemo-las com paz, com reconhecimento.

### **3. Desprezo de si mesmo.**

*“Quando fores convidado para um jantar de bodas, colocai-vos no último lugar, para que não suceda aparecer outra pessoa mais elevada em dignidade e te convidem a descer ”.* Entendamos bem este ensinamento. Colocar-se no último lugar no Noviciado e aceitar de bom grado que se preste atenção aos outros e não a nós; que se dirija a palavra a todas excepto a nós; que se dêem todas as obrigações, obediências atraentes e a nós uma obediência que contrarie o amor próprio (a obediência de Jesus na cruz). E,

se temos pouco talento, pouca habilidade, sofrer de boa vontade que notem em nós essa pobreza. E, se temos alguma facilidade, é, em vez de olhar os outros com desdém, dizer: se Deus Nosso Senhor tivesse querido, eu estaria muito abaixo daquelas que vêm depois de mim. E, quando cometemos alguma falta, sofrer de boa vontade que nos repreendam, que nos mostrem a nossa falta de gosto, a nossa pouca competência e ver sem ciúme que as nossas companheiras fazem muito melhor do que nós.

Mas, é na ordem da virtude sobretudo que devemos pôr-nos no último lugar. Os santos consideravam-se os últimos dos homens diante de Deus. Eis a razão porquê: eles consideravam as graças que tinham recebido e conheciam, tanto quanto é possível, o número e a grandeza delas. E então diziam de si para consigo: se os maiores pecadores tivessem recebido os mesmos benefícios que eu, ter-se-iam tornado servos de Deus muito perfeitos. Eu estou portanto abaixo deles. Sem dúvida, não caí nas faltas graves que eu vejo cometer, mas é esse um efeito da bondade e da misericórdia de Deus a meu respeito. Em vez, pois, de os julgar, terei compaixão deles, rezarei por eles.

Que faríeis vós para imitar os santos? Em vez de vos preferirdes a alguma das vossas companheiras e de julgardes que vós sois mais religiosas, mais obedientes ou mais caritativas, vós direis: se ela tivesse sido tratada como eu, teria feito dos dons do Céu melhor uso do que eu.

E quando ouvimos falar dos grandes pecadores cuja vida contrista a Igreja, em vez de os maldizer tereis compaixão deles e direis: Se não sou como eles, devo-o à Divina Bondade... Fazer isto é realmente imitar Nosso Senhor que se abaixa ao nível dos maiores criminosos para nos salvar.

#### **4. Vantagens da verdadeira humildade**

A *primeira* vantagem é que ela nos dispõe a receber os maiores favores de Deus.

Ele nada deseja tanto como comunicar-nos as suas graças. Porque a bondade infinita quer dar e dar cada vez mais. Mas ela encontra em nós, às vezes, obstáculos. Quando nos mostramos dispostos a julgar-nos alguma coisa, a atribuir-nos méritos, a graça afasta-se, nós desviamos o seu curso. Porque ela é semelhante à água dos ribeiros e dos rios, corre no leito que lhe foi cavado. Onde se encontra uma elevação do terreno,

ela foge. Não quereis que Deus Nosso Senhor seja senhor de actuar na vossa alma, de vos enriquecer à sua vontade? Examinai, pois, se Lhe deixais o terreno livre; se Ele pode, à sua vontade, santificar-vos.

Quantas vezes não tendes estremecido a este pensamento: “*Ser uma santa religiosa!...*” isto é, ser conduzida nos meus pensamentos, nos meus desejos, nas minhas acções pelo amor de Deus!... Ora, depende de vós ser tal.

A *segunda* vantagem é a segurança contra as tentações.

A tentação mais perigosa nos Noviciados é o desânimo, é a ideia de que não se poderá nunca praticar as virtudes que são ensinadas. As outras tentações do espírito, da vontade, da carne, seguem essas. Mas nunca o desânimo entrará numa alma verdadeiramente humilde. Porque, logo que se apresenta, ouvirá esta resposta: “*Eu conheço a minha miséria, ela é grande; mas muito maior é a misericórdia divina em que eu me apoio*”. E este pensamento de fé dá uma confiança inabalável. Desde hoje, se o quiserdes, pela humildade vós vos colocareis em segurança contra esse mal da tentação do desânimo.

A *terceira* vantagem, é a paz, o contentamento interior.

Quando reflectimos um pouco, quando entramos dentro de nós mesmos, alguma coisa diz que Deus está lá....

A *quarta* vantagem é a coragem no trabalho...

Parece muitas vezes à religiosa que a sua tarefa é superior às suas forças. À primeira vista, julgar-se-ia, se ela é profundamente humilde, que vai ficar aterrada à vista das dificuldades. Nada disso. Convencida desta verdade, que com a graça de Deus pode tudo, desde que opere por obediência, não vê nada impossível. E o que parecia fraco, torna-se potência irresistível.

Vede se o mundo pôde resistir aos pobres pescadores da Galileia que pregaram o Evangelho.

Nós precisamos, em nossos dias, de almas corajosas. Como o sereis vós?

# MARIA NOSSA MÃE

(Meditação nº. 29)

No alto do Calvário, prestes a exalar o último suspiro, Jesus deu Maria como Mãe a S. João. E o discípulo amado, depois de descrever no Evangelho essa cena tão bela e tão tocante, acrescenta que recebeu Nossa Senhora. Recebeu-a não só na sua alma mas também na sua vida, no seu coração.

Eis Maio, que é, por excelência, o mês de Maria!

Como o Vidente de Patmos, recebamos a Virgem Santíssima. No nosso coração, que Ela seja a nossa querida Mãe do Céu. No nosso espírito, que Ela seja o seu ideal perene. Na nossa vontade, que Ela seja a sua força. Que Ela esteja connosco, em todas as nossas súplicas, em todos os nossos passos, em todos os nossos actos e trabalhos. Que Ela esteja nas nossas doenças para as curar. Que Ela esteja, não nas nossas faltas, mas em nós pecadores que as cometemos, para ser o nosso refúgio. Que Ela esteja nos nossos méritos para ser a guarda deles. Que Ela esteja nas nossas fraquezas, nas nossas misérias, para ser o nosso auxílio. Que Ela esteja nos nossos lares para ser a nossa Rainha. Que Ela esteja em toda a nossa vida para ser a nossa companhia. Que Ela esteja na nossa morte para ser o nosso amparo e a nossa esperança. Que Ela esteja no nosso juízo para ser a nossa Advogada. Que Ela esteja à nossa entrada no Céu para ser a nossa porta. E, depois da morte e do juízo, que Ela esteja connosco na eternidade para ser, com a Trindade Santíssima e a Gloriosa Humanidade do Verbo Incarnado, Filho de Deus e seu Filho, a fonte da nossa felicidade infinita.

Antes de tudo, acima de tudo, Maria, Mãe dos homens, a nossa Mãe, sim, a nossa, verdadeiramente nossa. É nossa Mãe com toda a sua glória de Rainha dos Anjos e dos Santos. É nossa Mãe com todas as suas funções de Advogada nossa, Medianeira de todas as graças e Protectora da Santa Igreja. É nossa Mãe com todos os títulos de amor e de glória que, através dos séculos, os seus filhos da terra lhe conferiram de Senhora do Loreto, de Pontmain, de Vila Viçosa, do Sameiro, de Lourdes e de Fátima.

Recebamos Maria com todas as manifestações do seu culto, com os seus tríduos, as suas novenas, as suas festas, com as suas medalhas, com os seus escapulários e sobretudo com o seu Rosário. E, por meio deste Rosário, entremos no íntimo do seu Coração, nas suas alegrias, nas suas dores e na sua glória.

Que Ela seja para nós uma nova Débora, uma nova Ester, uma nova Judite.

Oh, se nós fôssemos para Maria o que foi S. Luis Gonzaga, S. João Berchmans e Santo Estanislau Kostka ou o que foi Santa Inês, Santa Gertrudes, Santa Bernardete e Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face!

Que durante a nossa vida, sempre e em tudo, ao mesmo tempo que dependemos de Deus, de Jesus Cristo, da Santa Igreja, tenhamos a glória e a ventura de depender também de Maria, Rainha do Céu, Mãe de Deus e nossa Mãe.

# A MODÉSTIA

(Meditação nº. 30)

## **I. Natureza da Modéstia.**

A modéstia é uma bela virtude: por isso compreenda-se que tenha contrafacções, em que aparece a modéstia, sim, mas a modéstia falsificada.

Há uma modéstia fingida, falsa, hipócrita, que se compõe para que o mundo a note, que tome um ar santificado para que seja apreciada e estimada. Ela não consegue iludir: deixa-se adivinhar; vê-se facilmente que se trata de moeda falsa e ela não recolhe das suas maneiras artificiais, senão o desprezo.

Há uma modéstia verdadeira que é puramente natural: o simples bom senso diz que é preciso velar sobre a própria pessoa, sobre a sua atitude, o seu modo de se apresentar e guardar o devido comedimento no exterior, nas palavras, no andar, no riso, no gesto, etc.

Sem dúvida, a modéstia, assim compreendida é uma coisa boa, louvável, digna de ser desejada. Mas é muito pouco e não é nesta forma de virtude que nós nos detemos.

Há uma modéstia cristã inspirada pela fé. É uma virtude que regula o nosso exterior no pensamento de que vivemos sob as vistas de Deus.

Esta disposição sobrenatural relaciona-se com muitas outras virtudes.

Como acabamos de ver, participa da fé que nos diz que o olhar de Deus não nos deixa nunca. Participa também da humildade: a humildade não incomoda ninguém, não faz ruído; não levanta a voz, não tem o olhar livre; numa palavra, é modesta.

A modéstia participa da prudência. Quando se concede uma liberdade excessivamente grande aos sentidos, é muito raro que não se deixe, ao longo do caminho, o que quer que seja da própria dignidade. Quem fala ou procede sem se vigiar e acautelar, dirá o que deveria calar, fará que deveria evitar.

A modéstia participa da castidade: a virtude entre todas delicada, agrada-se imenso numa atitude simples, composta sem afectação, dos olhos baixos, do tom da voz

moderado, do gesto comedido; e tudo isto é a modéstia. É a alma que disciplina o corpo, que o regula, que o compõe. E a própria alma é disciplinada e regulada pela fé, pelo pensamento da presença de Deus.

É, pois, bem evidente que a modéstia nos é necessária. Ela é inseparável da ideia que fazemos de Nosso Senhor, da Santíssima Virgem, dos Santos. Ela pertence à vida cristã.

Logo que vemos uma pessoa faltar-lhe nalguma coisa, somos levados a julgá-la severamente e a crer que ela esquece os seus deveres. Pelo contrário, nós apreciamos as pessoas cuja atitude é reservada. E, coisa digna de nota, até o mundo as estima, ao passo que desdenha do que é frívolo, mundano, secular, demasiado livre.

E se a modéstia faz parte duma vida simplesmente cristã, com quanto maior razão é necessária à Religiosa!

Se a Religiosa vive na sua comunidade, claustrada ou semi-claustrada, deve lembrar-se de que o olhar de Deus paira sempre sobre ela. Se tem de ir ao meio do mundo, por necessidade ou no desempenho da sua missão, não é ela dada em espectáculo a Deus, aos Anjos, aos homens? (S. Francisco e o irmão – pregar).

Jamais passareis na rua sem edificar ou desedificar, segundo a vossa atitude. Há sempre, aqui ou acolá, pessoas que nos observam. E nas casas aonde a Irmã é chamada ou por qualquer motivo tem de ir, toda a sua pessoa é objecto dum exame atento. Há até pessoas bastante más para lhe armar laços, para tentar surpreendê-la no esquecimento das prescrições da sua santa profissão. Há apenas uma coisa capaz de a pôr em segurança contra esses laços: é um longo hábito da modéstia que se torna para ela como que uma segunda natureza.

Ora é no Noviciado que devemos fazer a sua aprendizagem. E nós temos que aprender, nós temos que reformar a nossa pessoa, desde os pés até à cabeça.

Ponhamos, pois, mãos à obra resolutamente. E para isso lembremo-nos de que há sobre nós diversos olhares: o olhar de Deus, o olhar da nossa querida Mãe das Dores, o olhar do nosso Anjo da Guarda, o olhar das Irmãs, o olhar das nossas companheiras.

## II. A Modéstia do Olhar

A modéstia no olhar impõe-se-nos em nome da delicadeza, em nome da boa apresentação, em nome da virtude.

Em nome da delicadeza: não é delicado olhar fixamente as pessoas, quer lhes falemos, quer simplesmente nos encontremos na sua companhia. Não devemos fixar o olhar nem nos seus olhos, nem nas suas feições, nem nas minúcias do seu vestuário; é preciso que nos contentemos de as ver sem olhar para elas, isto é, sem as fixarmos e tendo o cuidado de mudar o olhar de lugar. Só as crianças e as pessoas mal educadas é que fixam os olhos nas pessoas com quem se encontram.

Alguém dizia um dia a S. Francisco de Sales que uma pessoa de sua família, cujo nome se indicava, era dum exterior muito distinto: *“Já o ouvi dizer”*, respondeu o Santo. *“Mas V. Ex.<sup>a</sup> sabe-o muito bem, explicou o interlocutor, pois está continuamente a vê-la. Sim, eu encontro-me com ela às vezes, mas nunca a fixei”*. E como lhe dissessem duma pessoa de que ele era director espiritual que essa pessoa usava brincos por vaidade, que há muito tempo a devia ter repreendido e corrigido, o Santo respondeu muito simplesmente: *“Eu não vi sequer se ela tem orelhas...”*

Pode-se portanto ver sem olhar, distinguir as feições duma pessoa para a reconhecer, sem a examinar minuciosamente.

A delicadeza, a boa educação exige esta reserva.

Em nome da boa apresentação, nos é também imposta a modéstia no olhar.

Quando uma pessoa passeia os seus olhares dum lado para o outro, dá àqueles que a observam uma impressão desagradável de si. Parece leviana; supõe-se, e a suposição muitas vezes não é falsa que o seu pensamento gira como o seu olhar e não se detém em coisa alguma; é a borboleta que volteia; não é a abelha que se fixa no cálix das flores para nelas haurir a cera e o mel. Se a julgam leviana, com mais razão a acham imortificada.

Que é que procuram esses olhos sempre móveis? Eles não sabem baixar-se, fechar-se, conter-se; pedem divertimentos, são insaciáveis. É a falta de mortificação.

Mais ainda, o olhar sem modéstia dá à pessoa um ar de parvoíce que a vota ao desdém das pessoas sérias. Nunca fizestes estas observações, estes reparos, a propósito dessas meninas que outrora encontrastes no mundo?

Eu não quero, direis vós, dar ocasião a ninguém de fazer a meu respeito um juízo de leviandade, de falta de mortificação, de incorrecção...

Nesse caso tende cuidado.

Na capela, sobretudo, não volteis a cabeça. Olhai para o altar ou lede pelo vosso livro. (Outras religiosas, mulherzinha do povo, olhar para o lado?)

No refeitório também há lugar para exercerdes vigilância sobre vós mesmas. Não olheis nem para o que há nas travessas, (excepto, entenda-se, quando vos servis, procurando tirar o que está do vosso lado) nem o que é servido nos pratos das vossas vizinhas, nem o que se passa no compartimento ou lá para os lados da cozinha e das suas dependências; prestai atenção apenas a não incomodar as pessoas ao pé das quais vos encontrais e a prestar-lhes os serviços de que elas precisam. Quando estais em frente da leitora, podeis de tempos a tempos volver um rápido olhar para ela; mas a maior parte do tempo, deveis conservar os olhos baixos dirigidos para a mesa, mesmo depois de ter acabado a refeição.

Durante o recreio há mais liberdade. Ainda, em todo o caso, é preciso evitar o olhar perscrutador que observa os menores detalhes das feições ou do traje das pessoas.

Mas é fora de casa, sobretudo, que esta modéstia do olhar é necessária. Quando caminhais na rua, deveis olhar na vossa frente a alguns passos, mas evitai dirigir o olhar para as montras dos estabelecimentos, como fazem as pessoas do mundo, mergulhar o olhar nas casas, contemplar os carros que passam ou as curiosidades que são postas em exposição.

### **III. Modéstia nas Palavras.**

Há uma modéstia de palavra que participa da humildade. Uma pessoa modesta não procura fazer-se passar como pertencente a uma família de condição elevada. Ainda que tivesse essa vantagem humana, preferirá escondê-la a tentar pô-la em evidência e prevalecer-se dela para qualquer fim. Mas que se deveria pensar daquela que,

pertencendo a uma condição medíocre, quisesse impor-se ao público como uma pessoa de categoria social? (Meu pai era oficial). Que se deveria pensar dela, sobretudo, se fosse religiosa? Nosso Senhor era o Filho de Deus; era da linha dos Reis de Judá; da família de David e de Salomão. E consentiu em ser de condição plebeia e em que isso fosse coisa notória; diziam dele: “*Não é artista e filho de artista?*”. Não devemos esquecer nunca esta lição que nos ensina a condenar todas as vãs pretensões. Que esta vaidade, estas pretensões são coisas mais comuns do que se poderia julgar, mesmo nas comunidades religiosas. É estultícia, ao passo que a modéstia é sabedoria. Ela faz-se amar e estimar; as pretensões atraem o desprezo.

Noutro grau da vida moral, a modéstia modera o tom da voz na comunicação. Há pessoas que têm o que se chama o verbo alto, a voz forte e risonante e são capazes de dar o dó de peito. Diz-se que têm o verbo alto, não só porque falam alto, porque elevam a voz, mas sobretudo porque a sua palavra tende a dominar. Elas cortam, elas regulam, elas decidem. Parecem pitonisas a emitir oráculos. Parecem doutores a dar sentenças. É preciso que todos se rendam a partilhar da sua opinião, aliás gritam mais alto; e às vezes, quando alguém se atreve a resistir-lhes, a contrariá-las, elas zangam-se, irritam-se e dizem coisas pouco agradáveis e delicadas e não raro fulminam raios e coriscos sobre a pobre que teve a grande ousadia de discordar da sua maneira de pensar.

Deçamos a minúcias: façamos o nosso exame. Não escutar, durante o recreio, o que as outras dizem, cortar-lhes a palavra, não aceitarmos nunca a sua opinião, mesmo obediência, contestar em vez de ceder; tudo isso é falta de modéstia, defeito bastante enfadonho no conceito dos homens e também no conceito de Deus.

A modéstia modera também a expressão de alegria. Rir a bandeiras despregadas, soltar gritos, é má educação e é contrário à modéstia. A Sagrada Escritura diz: “*O irreflectido, (insurrecto) deixa estalar a sua voz em risadas; mas o homem sensato contenta-se em deixar aflorar o sorriso aos seus lábios*”. Com efeito, o riso estridente indica uma alma que não se possui, que não se domina, ou que não considera o que há de grave e sério na vida. A vida religiosa é de carácter alegre, mas não de carácter dissipado. Ora este riso descomposto que a modéstia condena, é dissipação. E deixa muitas vezes após si a perturbação.

Devemos dizer o mesmo de certos gritos de alegria e de surpresa que escapam às vezes no recreio. Não se deveria nunca ouvir tais gritos numa Comunidade, num Noviciado. As pessoas do mundo condená-los-iam com severidade. Não haverá uma pequena reforma a fazer sob este ponto de vista? (Mas sempre o bom senso, diferença de temperamentos, critério das Superiores).

Será preciso falar da modéstia em palavras noutra sentido? Aqui, m.q.f. nesta santa casa, seria fazer-vos injúria supor tal coisa. A nossa linguagem deve ser a dos filhos de Deus, dos Anjos; nós queremos consagrar a Nosso Senhor, com a nossa vida e o nosso coração, a nossa palavra e os nossos lábios. A boca, diz o Evangelho, fala da abundância do coração. Que se deveria pensar, pois, do nosso coração, se dos nossos lábios se escapasse uma palavra leviana, frívola, mundana? Não, nunca uma dessas palavras seculares se fará ouvir aqui.

#### **IV. Modéstia nos Gestos e no Traje.**

Para terminar as nossas reflexões sobre a modéstia, diremos, imediatamente, como ela deve regular os nossos *gestos* e como ela deve regular o que diz respeito ao *vestuário*.

Quanto aos *gestos*, a Regra de quase todos os Estatutos diz pouco mais ou menos o seguinte: *“As Irmãs não tomarão a liberdade de se tocarem umas às outras, ainda que não seja senão por brincadeira”*. Este ponto deve ser observado com uma inteira e severa fidelidade. Há motivo para se prestar mais atenção a este ponto, é certo, que é no artigo da castidade que as Regras estabelecem esta prescrição. Elas vêm pois uma certa relação entre essa reserva e a grande virtude. Com efeito, os Santos fizeram sempre grande caso, para a guarda da santa virtude, desta atenção, deste cuidado em não tocar e em não se deixar tocar. S. Luís de Gonzaga, S. Estanislau Kostka, S. João Berchmans são nossos modelos sobre este aspecto. Até nas suas doenças eles não suportavam senão com dificuldade o contacto de seus Irmãos em religião que os tratavam. Compreender-se-á esta delicadeza, se se notar bem o que é a vida religiosa: é o Dom de si mesmo a Deus. É a consagração tanto do corpo como da alma a Nosso

Senhor Jesus Cristo. Em virtude dessa consagração, as nossas mãos, os nossos braços, o nosso corpo já não são nossos, mas daquele a quem nós os demos. Só Jesus é o Senhor deles. Não consintamos que tenham outro sinete, outra marca que não seja a sua.

Por outro lado, (o demónio) com prazer-se-ia em iludir almas boas com esta espécie de familiaridades; ele sabe muito bem que são um meio de amolecer o coração, de introduzir no espírito a vaidade, nos sentidos imortificação e lisonja.

A nós compete desmascarar os seus perversos cálculos. Muitas tribulações muito grandes começaram por estes nada, por estas bagatelas.

Temos talvez de fazer sobre este ponto o nosso exame de consciência. Sem pensarmos nos inconvenientes do que fazemos, no decurso das recreações, tocamos-nos, empurramos-nos, agarramos, puxamos pelos hábitos, formamos com as mãos a cadeia, a dança de roda, como as crianças das escolas. Deixemos às crianças essas infantilidades. E lembremo-nos de que os nossos corpos, de que os nossos membros serão consagrados um dia, que desde já são o templo do Espírito Santo. Formemos uma resolução enérgica de não fazer nunca, sobre este ponto, a mais pequena concessão.

E para que este compromisso que tomamos connosco tenha um carácter sagrado, ofereçamo-lo à nossa Mãe do Céu, à querida Mãe das Dores.

Modéstia no *vestuário*. Ser modesta no vestuário é em primeiro lugar pôr nele muita simplicidade. Tudo o que é frivolidade, excentricidade, deve ser banido do traje religioso. Com efeito, se transparece nele alguma veleidade de adorno, poder-se-ia perguntar a quem é que esse adorno pretende agradar...

Não só a modéstia quer a simplicidade, procura mesmo a pobreza. Porque fazemos o voto desta virtude, devemos mostrar a estima que temos por ela. Os franceses escrevem e pronunciam as palavras que correspondem a traje e costume quase da mesma maneira: costume e *coutume*. Há uma grande semelhança entre elas. E efectivamente o traje (costume) revela os nossos costumes, isto é, os nossos hábitos interiores, os nossos estados de alma. À alma vaidosa, um traje de vaidade e de frivolidade; à alma modesta, um traje de perfeita modéstia de que a simplicidade e o asseio constituem todo o adorno. À alma verdadeiramente pobre, um traje pobre. O

vestuário é um eloquente pregador, assim como é um bom revelador: ele prega à pessoa que o usa os pensamentos de fé ou os pensamentos vãos e seculares. Nunca ele prega tão eloquentemente a pureza do coração como quando é tão pobre quanto asseado e modesto.

Mas seria muito pouco usar hábitos modestos, se se pusesse um cuidado excessivo em os ajustar e adaptar para satisfação da vaidade. Que puerilidade procurá-los nas portas envidraçadas, nos vidros das janelas, etc., etc.!... Por trás do vidro que reflecte um rosto mais ou menos gracioso, há uma cabeça medonha que responde com uma careta invisível: Satanás mofa da filha de Eva!

Uma mão guiada pelo espírito de modéstia sabe dispor todas as peças de vestuário, com uma correcção irrepreensível, segundo os usos recebidos, sem nunca (?)<sup>14</sup> sob o pretexto de que fica melhor.

Isso não é feito para o olhar duma religiosa. Se ela o esquecesse, pareceria, deixai-me dizer, uma cabecinha no ar. (Mas aqui deve entrar agora em função uma das qualidades primaciais da boa religiosa que é o senso comum. Automóveis, ajuntamentos, encontros, perigos).

Em nome das virtudes: Nós observamos a modéstia em particular e em público, por atenção para com a virtude dos Anjos.

Ao levantar, ao deitar: a perfeita delicadeza, dizem os Santos, receia até os seus próprios olhares; ela respeita o olhar dos outros.

Evitar o encontro dos espelhos que não falam senão de vaidade. Cautela com as superfícies lisas susceptíveis de reflectirem os raios da luz, como uma toalha de água, o fundo duma panela nova ou areada (na parte exterior ou interior), o vidro duma janela, etc.

Evitai os olhares inúteis sobre vós mesmas ou sobre os outros. Não useis véu na cara, como as religiosas doutros Institutos, mas fazei de conta que usais e não há melhor véu para cobrir o rosto e assim guardar os próprios olhos e conter em respeito os olhos alheios do que o véu da santa modéstia.

---

<sup>14</sup> Palavra ilegível.

## **V – UM ASPECTO DA MODÉSTIA: O SILÊNCIO.**

O silêncio é de ouro, mas a palavra também o pode ser; se calar é muitas vezes recomendável, muitas vezes também o não falar é uma falta, senão é mesmo um crime. Há com efeito circunstâncias em que é preciso saber falar. É preciso saber falar, por exemplo, para os confundir, se é possível, aos libertinos, aos cépticos, aos incrédulos. É preciso saber falar para os fazer calar, aos malévolos.

# O DIA DAS MISSÕES

(Meditação nº. 31)

*“E tenho ainda outras ovelhas que não pertencem a este redil e é preciso que eu vá também buscá-las; elas ouvirão a minha voz e haverá então um só rebanho e um só Pastor”* (S. João 10,16).

Com estas palavras o Divino Redentor patenteia aos seus discípulos um campo universal de apostolado. Mas os discípulos, obcecados pelos preconceitos da sua raça, julgam que o Messias prometido veio só para eles, para o povo eleito, e que o Evangelho deve ser pregado exclusivamente aos seus compatriotas. O egoísmo domina-os, o seu coração não palpita em actos de caridade perante as multidões ingentes de pagãos, que vivem para além da fronteira da Palestina, nas sombras do erro e da morte.

Jesus, pelo contrário, proclama solenemente a universalidade da Redenção. Ele veio do Céu à terra para salvação de todos os homens e a todos quer que seja comunicada a luz da sua doutrina: *“Ide e pregai o Evangelho a todas as criaturas”*.

A Santa Igreja que Ele fundou é católica, quer dizer, universal: é a mãe carinhosa de uma multidão inumerável de filhos de todas as raças, de todas as línguas, de todas as regiões e de todos os tempos.

O Pastor Divino morreu para que todos tivéssemos a vida, a vida da graça e a vida da glória. Aos seus discípulos confiou a missão de trabalharem para que todos recebam o dom desta dupla vida. O coração de todo o apóstolo deve ser, à semelhança do Coração de Jesus, tão vasto como o mundo.

Vejamos, em breve resenha, o estado em que se encontra, na hora presente, o campo imenso reservado à acção missionária. Os missionários do nosso tempo não formam, como era para desejar, um exército numeroso, em confronto com o trabalho que têm a realizar e com a multidão de almas que há a trazer ao redil de Cristo.

Os sacerdotes são pouco mais de 18.000 para mil milhões de pagãos a converter. Ajudam-nos certa de 50.000 religiosos, 74.000 catequistas e 62.000

professores indígenas. Sua Eminência o Cardeal Salotti, quando Secretário da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, escreveu a este respeito: *“Este exército de pouco mais de 200.000 soldados de Cristo que mal bastaria para uma só nação católica, razoavelmente organizada sob o ponto de vista eclesiástico, é bem pouca coisa para o vastíssimo mundo missionário, onde tudo está por construir e onde muitas vezes são necessários anos de trabalho para arrotear o terreno antes de lançar a semente.”*

Pouco numerosos, os missionários como que se multiplicam, graças ao zelo que os aviva, empenhando no seu trabalho uma abnegação que não conhece limites nem desfalecimentos.

Assim se criaram as suas obras; obras grandiosas pelas proporções e pela multiplicidade; obras que dizem respeito a todas as classes e correspondem a todas as exigências sociais; obras que se inspiram num só pensamento, a caridade evangélica, e que, na caridade, se prodigalizam e da caridade esperam o alimento e os meios de viver, de prosperar e de se propagar.

56.237 igrejas, 37.000 escolas, 771 hospitais, 108 leprosarias, mais de 2.000 orfanatos, 2.800 dispensários farmacêuticos são um índice assaz significativo do labor incessante e indefeso dos missionários.

E aquelas Igrejas são para 25.000.000 de católicos espalhados no mundo missionário; aquelas escolas têm quase 2.500.000 alunos; naqueles hospitais estão internados 36.300 enfermos; 60.000 leprosos são assistidos, de diversos modos, pelas Missões e 13.000 estão alojados nas leprosarias; os abrigos são povoados por 18.000 velhos; os orfanatos acolhem 113.000 órfãos e os dispensários tratam anualmente 25.000.000 de doentes.

Portugal, o pequeno mas heróico Portugal, na época gloriosa dos Descobrimentos e das Conquistas, ao lado da bandeira das Quinas, levou, por toda a parte, hasteada no topo do mastro das suas caravelas, a Cruz de Cristo, através dos oceanos, até aos confins do mundo, numa porfia magnânima, inspirada por alto e nobilíssimo ideal.

Sendo, ainda hoje, como realmente é, a terceira potência colonial, ufana-se, com justo título, da sua augusta vocação missionária, que o tornou mais apto que nenhum

outro país para trazer os povos bárbaros e selvagens ao grémio das nações cultas.

De mãos dadas com a Igreja peregrinou, durante séculos, por mais de metade do orbe terráqueo, em busca de gentes estranhas para civilizar e de almas para salvar. Nos sertões adustos da África, como nos palmares da Índia, nas florestas do Novo Mundo e nas ilhas da Oceânia, na China e no Japão, os nossos admiráveis missionários, entre os quais brilham, como astros de primeira grandeza, um S. Francisco Xavier e um P. Anchieta, à força de canseiras e sacrifícios de toda a ordem, conseguiram arrancar milhões de indígenas às trevas da idolatria e às superstições mais sanguinárias, mais ignóbeis e mais ridículas, suavizando os seus costumes com o ensino da doutrina e as práticas salutareis do Cristianismo.

Mesmo em nossos dias, as nações mais ricas e mais poderosas do mundo, tais como a Inglaterra, a Alemanha, a Itália e a França (refiro-me a esta última antes do colapso provocado pela guerra actual) apesar dos formidáveis recursos materiais de que dispõem, não são capazes de igualar a operosidade missionária de Portugal, a excelência e a eficácia dos seus percursos seculares de colonização e a enorme força de penetração do seu apostolado religioso, moralizador e educativo.

Os resultados que estão bem patentes e que são sobremaneira maravilhosos, haja em vista a simples mas eloquente amostra da Exposição Colonial do Porto por ocasião das festas comemorativas do duplo centenário, constituem a prova irrecusável das qualidades eminentes e inexcitáveis de Portugal, como país missionário que, justamente se gloria de ser um dos maiores e mais beneméritos campeões do progresso e da prosperidade dos povos intelectualmente e moralmente atrasados. É de domínio público que nos últimos vinte e cinco anos, o movimento em prol das Missões nos nossos vastíssimos territórios de além-mar se tem intensificado de modo extraordinário e altamente consolador. Graças ao esforço inteligente e patriótico de alguns dos mais notáveis estadistas da República, desde Rodrigues Gaspar, Álvaro de Castro e João Belo, do regimen político anterior ao Estado Novo, até ao actual ministro das Colónias, reorganizou-se, no nosso país, em bases sólidas e eficazes, o regimen da acção missionária das Colónias portuguesas, a que pôs grandioso remate o Acordo Missionário, anexo à última Concordata celebrada com a Santa Sé, de tal maneira que,

sob o ponto de vista da legislação reguladora desta importante notícia, nenhum outro país se pode orgulhar de ter feito mais e melhor ou, sequer, tanto como o nosso.

O Portugal da Europa caberia 23 vezes dentro das suas colónias. Só por isso, independentemente da sua providencial e verdadeira vocação missionária, Portugal deveria arder em desejos de dilatar a Fé. É que, como disse o Sr. Dr. Oliveira Salazar: *“As nossas Colónias são a mesma Pátria reproduzida, alma e sangue ao modo de Mãe, em seus filhos. São a fusão da Raça e da Terra. Não é a terra que se explora: é Portugal que revive!”*

Mas o sentido justo do verdadeiro e legítimo patriotismo não obsta a que os portugueses acolham com simpatia a iniciativa da jornada missionária que se repete, em todo o mundo cristão, no dia de hoje, e que não é outra coisa mais do que uma cruzada universal de orações, sacrifícios e esmolas, em favor das missões católicas de todos os países.

Nossa Senhora disse aos pastorinhos de Fátima que muitas almas iam para o inferno, porque não havia quem orasse e se sacrificasse por elas. E acrescentava que era preciso pedir por intercessão do seu Coração Imaculado a conversão dos pecadores. E o Santo Padre Pio XI, o saudoso Papa das Missões, por seu turno, escrevia, fazendo coro com a Virgem Santíssima: *“Desejamos que todos os católicos do mundo ajudem, com as suas esmolas, as almas que Jesus Cristo resgatou e, sem isso, se vão perdendo”*.

Da esmola abundante dos fiéis, afirmava Sua Em.<sup>a</sup> o Cardeal Salotti, resultará uma grandiosa e solene manifestação universal de amor e de submissão ao Papa que, com a expansão missionária, prepara às nações, infieis em grande parte, um futuro glorioso que encherá de belezas a sua história. E conclui com estouradas palavras do mesmo ilustre Purpurado: *“Sejamos liberais em dar o óbolo que se pede, por ocasião da jornada missionária, e que todo aquele que vive de uma fé e de um ideal se torne no dia da jornada Missionária, apóstolo e propagandista para suscitar, mesmo nas almas tibias, indiferentes ou ausentes, o “dever da generosidade”*.

# A OBEDIÊNCIA

(Meditação nº. 32)

## 1. A importância da obediência.

Há uma palavra na Sagrada Escritura que resume trinta anos da vida de Nosso Senhor sobre a terra: *“Ele viveu com seus pais em Nazaré e estava-lhes sujeito”*. O Rei do Céu e da terra veio ao meio dos homens para os salvar. Andará entre eles 33 anos; durante 3 anos, ensinará, falará como nenhum homem ensinou e falou. Fará milagres... mas, durante 30 anos, não fará senão uma coisa: obedecer...

Grandeza incomparável da obediência! O Criador dos seres, o Senhor do mundo, Aquele cuja mão conduz os astros no céu, submeter-se-á às ordens que Lhe forem dadas. Ele, tão grande, abater-se-á sob a lei da obediência.

E é um modesto artista que lhe dá ordens. E é uma humilde mulher que impõe a sua vontade. E Ele obedece, porque vê neles a vontade de seu Pai que está no Céu. E que é que Lhe ordenam? As coisas mais simples, mais vulgares, o que entra no quadro da sua vida de pobre operário: pegar nos objectos, dispô-los, arranjá-los, etc... E todos os dias era a mesma regra, a mesma vida... E a alegria e a paz reinavam no lar de Nazaré, porque a obediência trás consigo esses bens tão grandes...

Façamos uma visita a esse interior da humilde casa. Contemplemos as acções, ouçamos as palavras, penetremos até ao fundo dos corações, para conhecermos as suas disposições.

Porque foi que o Filho de Deus se fixou assim na obediência? Porque a desobediência tinha causado a desgraça do ser livre. Ela tinha expulsado os Anjos do Céu. Ela tinha exilado o homem do paraíso terrestre. Ela tinha feito sair a criação do seu caminho. Era preciso fazer que reentrasse nele, para que pudesse chegar à bem-aventurança que é o seu destino.

A desobediência dum só tinha perdido tudo, diz S. Paulo; pela obediência dum só tudo será salvo, a obediência até à cruz.

Desde então a obediência é a grande lei de todos os cristãos. Ela é sobretudo a

lei dos religiosos e das religiosas que dela fazem voto especial.

O Noviciado é a preparação para esse grande sacrificio da vontade própria; obedecer bem, durante ele, todos os dias é dispor-se a fazer o voto de obediência e dar-se a si mesma a garantia de que se obedecerá fielmente durante toda a vida.

Acabamos de ver que pela obediência imitamos Nosso Senhor. Mas, ainda mais, por esta virtude, vivemos continuamente na sua intimidade. Com efeito, é Ele que dá a autoridade àqueles que mandam em nós. É Ele que com a sua palavra regula, dispõe, dirige. Portanto, quando lhes obedecemos, estamos em relação íntima com o Divino Mestre.

Representemo-nos bem o que é o Noviciado, quando ele vive deste pensamento de fé. Ele aí se estabelece como uma espécie de presença real do Divino Mestre que está em toda a parte para amparar, animar, consolar, dirigir. A alma experimenta tanta felicidade quando, depois da Sagrada Comunhão, se recolhe e se une àquele que veio a ela! Esta felicidade nós podemos fazer-la durar todo o dia pela obediência. A cada instante, se somos fiéis à nossa regra, podemos dizer: *“O meu Bem-Amado é meu e eu sou d’Ele!”* Verdadeira vida de paraíso...

Nesta intimidade encontraremos a segurança. Nós temos inimigos que queriam arrebatam o nosso bem, fazer-nos perder a graça. Esses inimigos são o demónio, o mundo, o demónio sobretudo, durante os anos de solidão do Noviciado; são em nós os sentidos, a imaginação, o espírito inquieto, a vontade apegada a si mesma. Na Sagrada Escritura a alma fiel é representada como a vinha do Senhor cercada de muros ou de sebes intransponíveis. Nós temos necessidade desta protecção. Qual será o muro, a sebe que nos guardarão? A santa obediência.

O inimigo não pode ter entrada numa alma decidida a obedecer sempre. Não quereis estabelecer para vós esta guarda..., para viver em paz, como os Anjos no Céu sempre seguros de fazer a vontade divina?

Com a segurança, a obediência dá a alegria dos filhos de Deus. Qual é para as pessoas do mundo a fonte da alegria? A paz na família, a prosperidade nos seus negócios, a estima de que gozam.

A obediência dá-nos imediatamente todos estes bens na ordem espiritual.

Uma noviça obediente está em paz com tudo o que a cerca, as suas superiores, as religiosas que presidem às obediências, as suas companheiras. Como ela está sempre a cumprir o seu dever, ninguém tem a mais pequena exprobração a fazer-lhe.

Ela enriquece-se, ela aumenta cada dia a sua riqueza espiritual. Porque a obediência, como grande Rainha, está sempre rodeada dum belo cortejo de virtudes, as quais todas nascem dela dalgum modo espontaneamente: humildade, doçura, pobreza, caridade, modéstia, cercam-na e formam a sua corte... E é no fundo da alma, a intimidade, a segurança, a felicidade.

O que faz a religiosa verdadeiramente pobre é menos o voto de pobreza do que o voto de obediência.

O voto de pobreza faz que ela renuncie aos seus bens, se os tinha; à sua casa, aos seus tesouros pequenos ou grandes, aos seus adornos, etc. E depois disso, ela se possuiria ainda a si própria, se não tivesse a obediência.

Mas esta grande virtude toma tudo: o seu pensamento, a sua vontade, o seu Juízo.

Quer ser pobre por amor do Divino Infante pobrezinho do presépio? Quem é que não quer já ter outro pensamento senão o seu, outro coração senão o seu? Quem quer despojar-se dos seus vestidos para o vestir a Ele? Quando Ele nos encontrar assim pobres, perguntar-nos-á quem nos pôs nesse estado e responder-lhe-eis que Ele bem o sabe. Nada mais belo que uma vida religiosa passada nesta pobreza espiritual da perfeita obediência. Preparemo-la para nós, essa vida, no Noviciado. Tenhamos a peito não reservar nada para nós, para que Jesus tenha tudo.

Quando S. Martinho deu a sua capa ao pobre, ficou divinamente rico, porque, na noite que se seguiu a essa acção generosa, Nosso Senhor apareceu-lhe coberto com a capa e declarou-lhe que era a Ele que a tinha dado... Quando S. Isabel deitou o enfermo leproso no seu leito real, elevou-se da cama um perfume celeste e o leproso desapareceu. Era Ele.

Quando vós dais a vossa obediência, Ele toma-a com ansiedade. E em breve Ele no-la mostra divinizada. Na realidade, é Ele que obedece em vós, que retoma a sua vida de Menino levado por sua Mãe.

Vede, pois, o que valem os vossos melhores actos de obediência: um ponto de costura, uma letra duma carta que vós acabais ou que vós deixais, uma palavra que proferis ou que reprimis, isso vale o Céu... Isso vos atrai todas as graças que fazem os santos Religiosos...

Deixando tudo, vós encontrais tudo.

## **2. Imperfeições da obediência.**

A obediência foi toda a vida de Nosso Senhor sobre a terra.

Nós reconhecemos as vantagens desta grande virtude e vimos os bens que ela proporciona à alma onde estabeleceu o seu império.

Destas considerações podemos concluir que aqueles que não querem obedecer não têm o espírito cristão. Por maioria de razão, uma noviça desobediente estaria fora do caminho da vida religiosa.

Estudemos agora a desobediência e as imperfeições da obediência.

Desobedecer, dizem os Mestres da vida espiritual, é como que tornar-se culpado do crime de idolatria.

A idolatria, com efeito, oferecia incenso aos ídolos. Assim faz a alma desobediente. Em primeiro lugar, ela cria-se um ídolo interior, ela coloca a sua vontade própria sobre um pedestal, ela contempla-a, compraz-se nela, e oferece-lhe de tempos a tempos alguns grãos de incenso. É uma religião à parte, em que a vontade humana toma o lugar da vontade de Deus. É a religião de Eva que conhece as ordens do seu Criador, mas que escuta conselhos opostos. Em breve a alma que se lhe entrega, verá que foi vítima duma ilusão, dum embuste, que foi despojada de todos os seus bens.

Quantas faltas humilhantes seguiram o espírito de insubmissão! Quantas vocações ele perdeu! Quereríamos expor-nos a uma tal desgraça? Ódio à idolatria da vontade própria.

A desobediência propriamente dita, aquela que diz “não” as ordens recebidas, é rara entre nós. Mas as imperfeições da obediência e as suas misérias, não são por ventura demasiado comuns?

É uma grande imperfeição raciocinar as ordens recebidas. E quando, depois de termos examinado bem o que foi mandado, nos decidimos a fazê-lo, é muito de recear que não obedecemos senão a nós mesmos... Obedeceu-se, não porque havia uma ordem, mas porque se calculou que era vantajoso cumpri-la. Em todo o caso, essa obediência é fria e triste, porque não é inspirada pela fé e pela caridade. Ela não deixa nem paz, nem contentamento, nem mérito: é o egoísmo sob uma forma particular. Procurar razões, comentar mentalmente a obediência é mau, mas é ainda pior, muito pior, murmurar. Há murmuração interior e murmuração exterior. A murmuração interior é um ruído de protestos que da imaginação, da memória, se elevam contra a ordem recebida. E um concerto detestável (e desafinado) em que as vozes se entrecrocavam, dizendo cada uma delas uma palavra de descontentamento, num tom particular. No meio dessas notas discordantes, a voz da graça bem procura ainda fazer-se ouvir, mas é para ela trabalho perdido: o ruído vai abafá-la.

Conhecemos este estado? A nossa alma tem sido às vezes a tribuna ou o teatro desse concerto de vozes desafinadas!... Queremos nós ouvi-lo ainda? Não achamos, não reconhecemos que a nossa atitude era muito própria para nos encher de confusão e de vergonha?

Todavia, há coisa ainda pior que esse ruído interior, é a murmuração exterior; murmuração saindo do coração para subir aos lábios e espalhar-se, ir até aos ouvidos dos outros, para excitar as almas a partilhar do queixume do espírito desobediente. A ordem dada é cumprida apesar disso, mas que valor tem essa obediência aos olhos de Deus? Como diz a Imitação de Cristo, é a obediência de necessidade, e não a obediência de amor, a única que agrada a Deus.

É outra grande imperfeição da obediência obedecer dum modo *caprichoso* e *servil*.

*Caprichoso*: medindo a obediência pelo grau de simpatia que se tem por aqueles que mandam, pronta a fazer tudo pela Irmã Fulana, e a não fazer nada pela Irmã Cicrana ou pela Irmã Beltrana;

*Servil*: dando mais atenção aos olhos da carne que podem ver-vos, do que aos olhos divinos que nos vêm de dia e de noite, às claras e às escuras e que sondam só

corações.

Que viestes, pois, buscar aqui? Quem nos trouxe a esta santa casa? Quem nos recompensará ou nos castigará, no termo da nossa vida religiosa, senão Ele só, o Mestre Divino? E, se assim é, porque prestar atenção a outro olhar que não seja o Dele? Por ventura Ele não vê nas trevas? Por ventura Ele não condena o que tem a pretensão de se substituir à Sua protecção?

É tão consolador poder dizer: “*Deus me vê, Ele me conduz, Ele me dirige!*”.

Todas estas imperfeições na obediência são bem mesquinhas... E, infelizmente, as pessoas que se permitem essas imperfeições procuram angariar em torno de si outras pessoas para as suas ideias, fazendo o que fazem, no organismo, esses gânglios que desenvolvem mórbidas. Ai dos órgãos religiosos que sofrem a sua influência!

A verdadeira obediência é como essa coluna misteriosa que, no deserto, caminhava à frente do povo hebreu e parecia chama brilhante durante a noite, nuvem benéfica durante o dia. Ela nos alumia nas nossas trevas. Ela protege-nos com a sua sombra nas nossas fadigas, quando suportamos o peso do dia. Ela mostra-nos o caminho do Céu. Doravante sigamo-la sempre.

### **3. Prescrições da obediência.**

A obediência manda coisas *difíceis*, duras para a natureza; ela manda também coisas *fáceis*, agradáveis à vontade.

*Coisas difíceis...* Um exemplo: a viagem da Sagrada Família a Belém, viagem longa, no Inverno, sem recursos, nem casa para repousar... Todavia a Santíssima Virgem e S. José obedecem à ordem que em princípio tinha dado de irem fazer-se inscrever no lugar que era o berço da sua família. E obedecendo a essa ordem, fazem a vontade do céu; porque os profetas tinham anunciado que o Messias havia de nascer, não em Nazaré, mas em Belém.

E notemo-lo, embora o Céu quisesse essa viagem, embora a tivesse preparado, ordenado, nem por isso aliviou a fadiga e as privações da Sagrada Família. Essas provações estão na ordem, no plano, da Divina Providência. Elas recomeçarão mais duras ainda, no momento da fuga para o Egito. Será preciso ir para uma terra

estrangeira, de que não se conhece nem a língua nem os costumes. É sem dúvida essa obediência uma obediência árdua, difícil.

Todos os mistérios do Natal se apoiam nessa obediência. Nós a tornamos a encontrar nos Santos Reis Magos...

E quando chegamos à hora da Paixão, torná-la-emos a ver, muito mais dura, muito mais exigente ainda.

Reconheçamo-lo, pois, há na vida cristã, na vida religiosa, coisas difíceis, coisas penosas, tal é o facto de deixar uma obediência que agrada por uma obediência que custa... Havê-las-á no futuro: será preciso um dia deixar o Noviciado, será preciso mudar duma casa do Instituto para outra, será preciso deixar esta superiora e estas companheiras com quem se conviveu durante tantos anos, por outra superiora e por outras companheiras.

Então será preciso que a religiosa se recorde de Belém, se una à Santíssima Virgem, ao Menino Jesus..., e que espere com confiança.

Houve um cântico dos Anjos em volta da pobre gruta onde a Sagrada Família se tinha abrigado. Há sempre uma alegria divina no termo da obediência. Quanto mais generoso for o sacrifício, tanto maior será a alegria.

E a obediência difícil pode tornar-se fácil quando se aceita e se pratica com fé.

Mas a nossa condição, o nosso regimen ordinário, é a obediência *fácil*.

Que gozo, que satisfação, na vida religiosa, poder dizer, uma religiosa, no princípio de cada um dos seus dias, que tudo nele está previsto, regulado, ordenado!

Depois, aquelas que nos mandam, fazem-no com doçura, mesmo, pelo menos às vezes, a I.C. Nas suas ordens, na sua maneira de mandar, é fácil sentir a sua afeição, mesmo quando estão ou se fingem zangadas connosco.

Se, contudo, parecem às vezes falar ou proceder com rigor, a religiosa não deveria evidentemente deixar-se perturbar com isso. Por outro lado, o que nos é prescrito, não é nunca muito difícil: o trabalho, em suma, não é esmagador. As vezes até proibem-nos trabalhar, ou mandam-nos descansar, e não é o que nos agrada mais! E depois, o exemplo é um poderoso auxílio. Ora, no Noviciado, os bons exemplos abundam.

E esta vida tão simples é muito meritória, porque a vontade é nela sem cessar sacrificada à vontade de Deus.

E é tudo o que nos é pedido. Todas as graças da vida perfeita estão à disposição daquelas que, pela sua obediência, mostrarem que as desejam sinceramente.

#### **4. Obediência cega.**

Os inimigos da vida religiosa têm-lhe muitas vezes exprobrado a sua obediência cega. A dar-lhes crédito, essa obediência seria capaz de perder as almas e de comprometer a paz das sociedades. Acusações vãs e ridículas.

Digamos o que é a obediência cega. Na vida religiosa, temos duas bases para nos guiar: uma pode ser comparada com o sol, é a fé; a outra é como o astro das noites, o próprio juízo. Ora a obediência cega consiste em desviar os olhos da segunda para não ver senão a primeira. Na ordem que me é dada pelos meus superiores, eu vejo o pensamento e a vontade de Deus; sem dúvida, eu nem sempre vejo o porquê dessa ordem, mas Deus fala, isso me basta. Eu nem sempre vejo tão pouco como poderei conseguir o que me é prescrito.

Mas aquele a quem obedeço, obedecendo à autoridade me dará forças, e esse pensamento me basta plenamente.

Quando Nosso Senhor dizia aos Apóstolos que lançassem a rede ao mar, eles respondiam: *“Nós trabalhamos toda a noite e não apanhamos nada”*. *“Mas fazei o que eu mando”*, dizia Jesus. E eles obedeciam; e a rede lançada enchia-se de peixes, em tão grande abundância que os pescadores jamais tinham visto coisa semelhante.

Recordai-vos de S. Pedro caminhando sobre as águas à palavra do Divino Mestre que tinha dito: *“Vem cá!”*

Quando Jesus dizia a esses mesmos pescadores que fossem pregar por toda a terra, o juízo próprio teria objectado a sua ignorância, as dificuldades, os perigos da empresa. Contudo eles obedeciam; e o Evangelho era ouvido por todos os povos. A vida religiosa é baseada nesta obediência que não é cega senão para ver melhor, cega dos olhos da carne, clarividente dos olhos do espírito. Deus Nosso Senhor abençoa-a sempre.

A história dos Santos conservou-nos um exemplo desta santa obediência: no Mosteiro de S. Bento, dois jovens religiosos, quase crianças, brincam à borda do lago. Um deles, S. Plácido, cai nas águas. S. Bento ordena ao seu jovem companheiro, Santo Amaro, que vá em seu socorro. Amaro obedece; e caminha sobre as águas como em terra firme. Nós não esperamos esses milagres que se fazem quando um Santo manda a um Santo que obedece. Mas compreendemos o ensinamento que daí se tira.

Quando a autoridade fala, eu escuto-a em vez de me escutar a mim mesmo.

No santo tribunal ou na direcção, o Padre diz-me que me conserve em paz na minha consciência. Já não tenho inquietação.

Dão-me uma obediência. Não vejo como a poderei cumprir. Com o auxílio de Deus, ponho-me a isso sem fazer reflexões inúteis. Dizem-me que trabalhe. Faço-o. Ordenam-me que descanse. Não me sinto bastante doente para isso. Não obstante obedeco. Mandam-me que faça uma coisa duma certa maneira. Eu quereria fazê-la doutra maneira. Obedeço. (Noviço e couves).

E mais tarde, eu a tornarei a encontrar, a essa obediência divina, em todo o decurso da minha vida religiosa.

Pedir-me-ão que vá passar a noite junto duma Irmã doente. Irei, ainda que esteja cansada. Enviar-me-ão a um posto difícil, por exemplo o de Mestra de Noviças. Obedeço. E com grande espanto meu, ao tomar conta dele, reconheço que o meu Anjo da Guarda me tinha precedido e me aplanava todas as dificuldades, etc., etc.

A obediência cega pode contudo fazer as suas observações com humildade. Mas quando se lhe declarou que agisse apesar de tudo, ela não deve fazer outra coisa senão pôr mãos à obra. A obediência cega é a força, a alegria, a paz.

## **5. Perfeição da obediência.**

Nós vimos o que é a obediência; a sua necessidade, a sua extensão, as suas penas e as suas alegrias. Compreendêmo-la e queremos torná-la como nossa partilha. É durante toda a nossa vida que lhe seremos fiéis.

Agradeçamos a Deus que nos deu a compreensão destas grandes verdades.

Resta-nos dizer uma última palavra, acentuar o segredo da sua perfeição. A

perfeição da obediência, como de todas as virtudes, é a caridade. Mas há isto de particular na obediência, que ela é como a caridade, ou, se quisermos falar assim, a expressão do amor de todas as outras virtudes. E é por causa disso que ela desempenha o papel principal na vida de Nosso Senhor.

Jesus veio à terra na hora que lhe tinha marcado a vontade de seu Pai, no lugar indicado, nas circunstâncias antecipadamente marcadas. Ele realizou todos os actos queridos na eternidade e assinalados no tempo pelos Profetas. Mas enganar-nos-íamos, se não vissemos neles senão uma série de acções reguladas por uma vontade que as ordenou. Há nelas um coração que ama. Custou, sem dúvida, ao nosso Divino Salvador obedecer até à morte e morte de cruz. Mas que alegria para Ele sentir que obedecendo, Ele nos amava e que Ele amava em nosso nome a Eterna Bondade!

Compreendeis agora o sentido desta palavra: *“Toda a lei consiste neste mandamento: vós amareis!...”* A lei é o que nos impõe o dever da obediência. Pois bem, o Mestre o disse, obedecer é amar.

Olhai, considerai sempre a obediência nesta luz, nesta dignidade, nesta doçura da caridade. E ela fará o encanto da vossa vida.

Obedecei como obedeceram os Santos e os Anjos no Céu. Eles não sentem repugnância em obedecer porque vêem a Deus e Nele todas as razões das suas ordens. Nós que não as vemos, somos combatidos. E, contudo, desde que procuramos, pela nossa submissão, provar o nosso amor, nós somos auxiliados, levantados, arrebatados pela graça.

Obedecer às Superiores, por amor à Santíssima Virgem e à imitação de Jesus, é a santidade.

## A POBREZA

(Meditação nº. 33)

Não sei se já presenciaram alguma vez um espectáculo interessante e engraçado: uma criança deitada no seu berço a estender com avidez a sua mãozinha para todos os objectos que lhe oferecem. Como se sente satisfeita, como se mostra feliz em possuir esses objectos, em gozar deles durante alguns momentos! Mas, sem dúvida, não encontra neles senão um gosto, um prazer passageiro, porque, ainda bem não, deixa-os cair e os abandona. Este gesto instintivo da criança esconde um sentido muito profundo.

Nós, na ânsia de felicidade que nos devora, temos sede de riquezas. E até o nosso primeiro instinto; e, desde o berço até ao túmulo o homem a quem essa sede obcecada atormenta, procura sem cessar apagá-la. Mas que é que poderá satisfazê-lo? Não o mundo, cujos bens limitados pelo tempo e pelo espaço, não são capazes de encher uma capacidade sem medida. E, muitas vezes desanimado, sempre insatisfeito, retira os lábios da taça em que o mundo lhe dá a beber uma água de felicidade fugitiva e lodosa! A alma que o Céu tocou com a graça da vocação religiosa não espera, para alcançar este desprendimento, uma experiência tão funesta. O seu instinto adverte-a de que só Deus é bastante rico para saciar os seus desejos. Se encontra nas suas mãos algumas riquezas deste mundo, está sempre pronta a despojar-se delas: não lhes apegar o coração. O seu primeiro gosto é que ela continue até à morte a abrir o seu coração do lado do Céu. *“Onde está o vosso tesouro, diz Nosso Senhor, é que está o vosso coração”*. Se colardes os vossos lábios à fonte divina, tereis o coração desprendido dos falsos bens deste mundo. Sereis então, pelo espírito, pobres das suas riquezas.

Neste espírito de pobreza, a alma de Deus encontra justamente o seu primeiro traço de semelhança com o Verbo Incarnado e a sua primeira bem-aventurança: *“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus”*.

O espectáculo que Jesus recém-nascido nos oferece no presépio é o duma nudez, dum desalojamento total. A exemplo do Divino Infante, uma alma verdadeiramente

religiosa reconhece-se em primeiro lugar pelo seu espírito de pobreza.

*“Mil vezes feliz, diz a Sagrada Escritura, aquele que compreende o pobre!”*

Deus reserva-lhe a felicidade de compreender que Jesus tenha escolhido a pobreza por sua companheira desde o presépio até ao calvário. Ela fê-lo sofrer durante toda a sua vida; mas, longe de a repudiar, abraça-a ainda sobre a cruz; e, ao morrer, no-la deixa em herança como seu mais precioso tesouro.

### **I. *Jesus foi pobre.***

Maria e José eram da família real de David; mas de David não tinham herdado senão o sangue que lhes corria nas veias. Eram pobres, tão pobres que não tinham com que pagar um quarto numa das hospedarias de Belém. Por isso, viram-se obrigados a sair da cidade e a vaguear nos arredores até que encontraram uma gruta que servia de curral, onde, colocaram, à meia noite, sobre uma manjedoura, o Deus Menino.

Haverá, porventura, um homem tão pobre, tão desgraçado, que não tenha sequer uma casa para nascer e um berço para se deitar recém-nascido? Sim, e esse homem é Deus. O Criador que espalhou pela superfície da terra, os tesouros que os homens disputam uns aos outros, não os quis para Si. Ele sabia que não valem nada em comparação das riquezas de que o Céu está cheio. Mas nós, que não apreciamos senão a riqueza palpável, se o infortúnio de nossos pais nos obriga a nascer na pobreza, que esforços não empregamos para sair dela a todo o custo!

Jesus, pelo contrário, não se elevou acima da sua condição. Tendo nascido pobre, viveu pobre: primeiro durante a sua juventude, dum trabalho manual duro e penoso, depois da caridade. Nas suas jornadas apostólicas, quantas vezes teve fome! E se opera milagres para saciar as multidões esfaimadas que ouvem a sua palavra de vida, não move sequer um dedo para granjear um bocado de pão. Um dia tem tanta sede que se vê seduzido a pedir de beber a uma mulher infeliz: ela presta-lhe então um tão grande favor que lho agradece como só Deus pode agradecer, santificando-a imediatamente. Acha-se muitas vezes extenuado, exausto, sem ter uma pedra onde repousar a cabeça. E o último dos pobres, a escória do povo, um ser de nada, para falar como a Sagrada Escritura.

Neste mundo miserável os desgraçados não têm amigos. No dia em que a estrela de Jesus pareceu que se apagava no céu da Judia, em que o seu crédito, minado por todos os lados, pareceu arruinado para sempre; como segundo as aparências já não havia a esperar Dele nem riqueza, nem honras, nem nada, então, todos os seus amigos O abandonaram sem escrúpulo. Por uma perfídia inaudita, um dos seus apóstolos apressou-se a vendê-Lo, outro a negá-Lo, todos a traí-Lo. E nessa conjuntura tão dolorosa, não se viu ao lado de Jesus nem sequer um desses infelizes que Ele alimentou e curou miraculosamente! Jesus vai morrer abandonado de todos, até de Deus! A única coisa que lhe resta é a sua pobre túnica. Pois essa mesma lha arrancaram os algozes para ser jogada aos dados pelos soldados romanos; e Ele morre completamente nu sobre a Cruz!

Só os ricos têm sepulcros privativos. Jesus não tem nenhum. É preciso que Nicodemos lhe empreste o seu para nele esperar em paz até à manhã de Domingo de Páscoa o Anjo da Ressurreição!

## **II. *Jesus sofreu as agruras da pobreza.***

Nós admitimos sem dúvida que Ele nasceu, viveu e morreu pobre, mas a nossa piedosa imaginação sabe adoçar singularmente os rigores da sua condição. Que Ele se tenha dignado descer sobre a terra até ao último degrau da escada social, esse acto de condescendência impressiona-nos e comove-nos; mas, no fundo da nossa alma, pensamos: *“Isso não Lhe custava muito! Fazendo-se homem, não podia deixar de ser Deus. O seu exterior era o dum pobre, mas, na realidade, continuava a gozar da felicidade do Céu”*. É verdade, Jesus é um Homem Deus; e, por isso, temos de renunciar a compreender o mistério da sua pobreza. Devemos, todavia, crer e confessar que tomou sobre Si, das nossas misérias humanas, não só as aparências, mas a realidade atroz. É uma verdade indiscutível que Jesus gozava, como Deus, uma verdadeira felicidade, ao mesmo tempo que, pela sua natureza humana, era pobre e sofria por causa da sua pobreza. Ele sofrera-a primeiro fisicamente, tanto mais quanto é certo que a sua sensibilidade era divinamente precoce e delicada.

Que afronta para Ele, quando menino, para Ele que tinha consciência disso, que expulso do mundo porque era pobre e ser obrigado, para nascer, pedir aos animais a hospitalidade do seu estábulo! Que afronta para Ele, que disse tinha consciência, repousar os seus frágeis membros na palha duma manjedoura e ser exposto aos rigores duma noite de invernã! Não, não é em figura, é bem na realidade que Jesus mais tarde sofre horrivelmente, umas vezes de fome, outras vezes de sede, outras vezes de extremo cansaço. E, se um dia o Divino Salvador foi presa dum sofrimento que parecia exceder as suas forças, a tal ponto que ousou pedir a seu Eterno Pai que afastasse dos seus lábios esse cálice, não era um simulacro, mas e realidade exacta.

Quando um homem está arruinado, decerto a sua decadência pesa-lhe mais que o seu prejuízo material. Com a mesma sinceridade lastimamos Jesus pelos sofrimentos morais de que foi causa a sua pobreza. É duro para toda a gente, mas para Ele que irrisão cruel ver a sua reputação desconhecida e manchada, porque é filho dum carpinteiro, porque é duma classe iletrada, porque vive como um mendigo.

É para todos uma decepção amarga, mas para Ele que infame ultraje, ser levado em triunfo no tempo da fortuna; depois, nos dias da desgraça ser sozinho a sofrer, ser até traído e renegado por aqueles que Ele mais amava!

Ah! Os açoites do pretório podiam dilacerar os Seus membros; mas uma agonia atroz tinha primeiro despedaçado e triturado o seu Coração! E o primeiro sangue que derramou foi a nossa perfídia sem nome, que o arrancou de todo o seu corpo por uma tortura moral tão horrível que Ele pediu a seu Pai que o livrasse dela!

E nós pensamos, talvez que, se Jesus fosse rico, se dispusesse dos tesouros da terra, podia ter não só legiões de Anjos, mas legiões de homens a seu soldo! Como teria sido ouvido, honrado e seguido! A paixão era impossível mas sem dúvida também a salvação do mundo. Porque a sua extrema pobreza que pareceu então comprometer, digamos mesmo, arruinar a sua obra, foi ela, nós bem o vemos hoje, que assegurou o seu êxito divino!

Ora esta evidência deixa-nos entrever as razões admiráveis pelas quais Jesus escolheu a pobreza. Porque Ele não foi a vítima duma necessidade fatal. Se nasce, vive e morre como o último dos pobres, é porque quer.

A pobreza, então, é tão amável que mereceu as preferências de Deus. Pelo contrário, as privações que ela trás consigo não podiam convir ao ser perfeito. Como é que a pobreza podia ser um fim, digno de ser desejado, quando é certo que o nosso próprio ser criado, aspira naturalmente ao gozo de todos os bens? A razão ensina-o, a fé proclama-o.

Jesus não podia, pois, amar a pobreza por si mesma; mas só por Deus e por nós. Ela Lhe proporcionaria, com efeito, o meio fácil de oferecer a Deus sacrificios e de Lhe testemunhar sem cessar uma confiança de Filho. Por acréscimo, tomando parte nas nossas misérias, aprenderia por experiência própria a arte divina da misericórdia, única capaz de nos curar pelos méritos que nos assegura e pelos exemplos que nos dá.

Por seu Pai, que vive no Céu, por seus irmãos infelizes sobre a terra, Jesus quis nascer na mais extrema pobreza, desde que pôs o pé no limiar do estábulo, na gruta de Belém, vê-se Jesus junto do presépio apontar o caminho da pobreza como o caminho da salvação!

### **III. *A nossa divina pobreza.***

Diz a Sagrada Escritura que a letra mata e o espírito vivifica. Não tomemos, pois, ao pé da letra tais exemplos de pobreza; animemo-nos do seu espírito. A imitação de Jesus, que a nossa alma ambiciona, é perfeita, com efeito, à proporção que ela não é servil, mas interior. Ora, este espírito de pobreza não está necessariamente ligado a uma condição miserável: um coração de avarento pode palpitar sob andrajos e, no meio da opulência, pode-se conservar uma alma disposta a todas as renúncias. É, portanto, em primeiro lugar, pelo seu espírito de pobreza, que se reconhece uma alma divina e esse espírito manifesta-se, seja qual for o nosso estado de vida, por meio de três sinais indubitáveis que nos permitem afirmar dessa alma como de Nosso Senhor: *“Verdadeiramente ela é pobre até ao ponto de sofrer por esse motivo!”*

A estima, o sentimento, a prática da pobreza: eis o ponto de partida, a orientação, o termo da vida interior que uma alma perfeita deve seguir.

#### **1. *A estima da pobreza.***

Primeiro ela concebe da pobreza a mesma ideia que Jesus; e, por consequência,

uma alta estima. De todas as contradições existentes entre o mundo e o Evangelho, a primeira e a mais frisante pertence, sem dúvida alguma, ao pobre que é o refugio do mundo e o eleito de Deus. Sobre a terra, o pobre não tem voz, não tem importância, não tem amigos. Mas Deus levanta-o e levando-o nos seus braços, coloca-o no seu reino, no primeiro lugar. Se o Verbo desce do Céu, é para evangelizar os pobres; chama-os ao seu banquete; escolhe-os para seus apóstolos. Enfim, não contente de lhes prometer um dia o Céu, beatifica-os antecipadamente, dizendo que é já deles o reino do Céu. Os últimos do mundo são os primeiros de Deus.

Desde o dia em que Jesus se revestiu da pobreza, esta túnica de escárnio tornou-se um manto real, de que se adornam as almas cristãs. A seu exemplo, elas cercam dum respeito divino os pobres nos quais Jesus se compraz sempre em viver, tomando como feito a Si tudo o que se lhes fizer.

Não tenhamos dúvidas a este propósito. Se trouxermos na frente este primeiro raio da Divindade, sofreremos por isso como Jesus. Mas assim é preciso. Porque, se não possuímos no nosso coração e não deixarmos transparecer na nossa vida uma alta estima da pobreza, não ofereceremos aos olhos de Jesus nem sequer o primeiro traço de semelhança com a sua divina perfeição. Quando se procuram almas perfeitas ou no mundo ou no claustro, reconhecem-se por este primeiro sinal: elas têm um culto divino pelo pobre!

## *2. O sentimento da pobreza.*

Este sentimento, se é verdadeiramente sincero, deve orientar toda a nossa vida no sentido da pobreza. Pelo contrário, os nossos caminhos que não são os do Senhor, são orientados para a riqueza. Adquiri-la, possui-la, gozar dela: não é em três pontos o programa da vida humana, verdadeira corrida para o ouro e para o abismo? Daí essa ânsia de lucro, esse instinto de propriedade e esse apetite de gozo que caracterizam a cobiça humana e, por oposição, nos revelam o sentido divino da pobreza.

A alma dotada desse sentimento divino, antes de mais nada, contenta-se com pouco. Temos necessidade de tão pouco para viver! Um bocado de pão e uma túnica era quanto bastava aos apóstolos. A virtude, de si moderada, satisfaz-se com o que convém à nossa condição. O vício pelo contrário forja, inventa necessidades, sonha com elas,

quer sempre mais e melhor, ansioso por todos os confortos e por todas as comodidades. Pede-se, pretende-se isto ou aquilo, outro hábito, outro par de sapatos, outras meias, outro par de luvas, por capricho, por vaidade. De ordinário, o vício esconde-se sob um disfarce virtuoso: se se junta, se se amontoa, é, diz-se, por prudência, por zelo, por dignidade. Arranquemos essa máscara e descobriremos que a maior parte das nossas necessidades, das nossas pretensas necessidades, encontram nalgum vício a sua fonte envenenada.

Não nos admiremos, pois, de ver comunidades religiosas impacientes por se proporcionarem todos os confortos; não tendo nenhum sentimento de pobreza, afastem-se cada dia um pouco mais da perfeição religiosa. É um facto constatado pela experiência que, às vezes, nos Seminários, os alunos mais pobres e, nas casas religiosas, as religiosas provenientes de famílias de condição mais humilde e habituadas a viver mais modestamente em matéria de alimentação, de vestuário e de tratamento da sua saúde, são precisamente as pessoas que se mostram mais exigentes, mais esquisitas, mais cheias de nicas e preocupações com o seu calçado, com as suas roupas, com a sua comida, etc., com as suas doenças em grande parte imaginárias; ao passo que os filhos e filhas de famílias ricas ou abastadas parecem sempre contentes com tudo.

Por pouco exigente que seja a alma perfeita, ela viveria mal na miséria; e portanto convém-lhe um certo bem estar. Mas que ela se acautele de apegar o seu coração a esse bem estar material, sabendo, como sabe, que o instinto da propriedade, tanto e mais que o engodo do lucro, é o inimigo mortal da pobreza interior. Ora, é preciso confessá-lo: este instinto de propriedade está tão enraizado em nós, tão entranhado, que o nosso bem torna-se um pouco o nosso ser. Tem-se um cuidado exagerado e quase ciumento dos dois. Ninguém lhes deve tocar, aliás ouve-se logo dizer: “*É meu!... É meu!...*”

É meu?!... “*É, mas é de Deus*”, diz o pobre Job e dizem depois dele todos os Santos. “*O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; bendito seja o seu santo Nome!*”

O coração verdadeiramente perfeito está desprendido de todos os bens terrenos. Porquê? Porque, como diz Nosso Senhor, não se pode servir ao mesmo tempo a dois senhores, a Deus e ao dinheiro. Aquele que pôs o seu tesouro no Céu, não pode ter a

menor fé em riquezas materiais, a menor confiança numa fortuna destinada a desaparecer, a ser destruída, o menor apego pessoal a bens de que se serve como se não se servisse deles, no dizer de S. Paulo, e que lhe apraz sobretudo espalhar às mãos cheias. Bem-aventurado esse pobre de espírito a quem não pertence senão o reino do Céu! Mas esses ricos de Deus, infelizmente são muito poucos.

Tu, alma consagrada a Deus, alma religiosa, que deixaste tudo por amor de Deus, julgas-te sinceramente desprendida de tudo? Espera que um simples acaso, a irreflexão duma companheira, a vontade duma Superiora te prive dum objecto que está a teu uso, dum relógio, duma imagem, duma coisa de nada, e ficas logo inconsolável. É preciso que toda a gente partilhe do teu desgosto. “*Imagine, minha Irmã, dirás desculpando a tua mágoa com uma companheira, uma lembrança que eu apreciava tanto!...*” Está pronunciada a palavra que revela o teu apego: tu apreciavas esse objecto e tu o apreciavas a tal ponto que, ao perdê-lo, perdeste a doçura e a paz da alma! Em verdade, sob um exterior de pobre voluntária bate no teu peito um coração de avarenta, sempre sensível ao instinto de propriedade. E queres assim ser perfeita? E queres assim santificar-te segundo o teu estado? Impossível! Lembra-te de que, à hora da morte, quer queiras quer não, tens de te desapegar de tudo, tens de deixar tudo e não levarás para o tribunal de Deus senão as boas e más obras que tiveres feito para ser julgada por elas.

Sem dúvida, a riqueza não é um fim mas um meio. Com ela podem-se empreender boas e belas obras, aliviar muitas misérias. Está tudo em utilizá-la bem, em nos servirmos bem dela. Mas só os pobres de espírito possuem essa arte divina de ser rico, cuja regra essencial é: usar de todas as coisas não para seu prazer, para sua satisfação, mas para a glória de Deus e para o bem das almas.

Para o Céu só se pode caminhar levando a cruz às costas. A vereda da perfeição não é uma via larga e aprazível; não é uma estrada de ricos, mas de pobres crucificados, dos quais muitos passos serão dolorosos. A fortuna também pode ser uma cruz e as almas santas levam-na gemendo. A sua preocupação, o seu tormento não é possuí-la, mas usar dela divinamente, como o exige a caridade.

Ora, vede como o mais pobre se industria em sofrer o menos possível da sua desnudez, da sua miséria, mesmo involuntária! Porque quer-se sem dúvida ser pobre,

mas com a condição de não se sofrer por esse motivo. Há por ventura um só fundador de Ordem religiosa que não tenha fundado o seu Instituto sobre as bases duma verdadeira pobreza? Nesses dias heróicos era preciso muitas vezes um milagre para que se pudesse matar a fome! Ai! Depressa todos esses presépios se transformaram em palácios onde a vida é suave, se não perfeita. Como é que o espírito de Cristo pode aí residir?!

Quando se abraça o ideal cristão e, mais ainda, o ideal cristão na sua perfeição, o ideal religioso, se se pretende verdadeiramente pô-lo em prática, é necessário orientar a vida no sentido da pobreza.

### ***3. A prática da pobreza.***

Mas então, à força de a procurar, acaba-se um belo dia por encontrá-la no caminho. Mas ninguém caminha ao seu encontro, se primeiro o seu coração a não procura com uma alta estima. Não a encontraram aqueles que aspiram ao lucro, que têm apego aos seus andrajos, que se esforçam por viver em toda a parte a sua vontade.

É pelos actos que Deus nos julga. A alma, enamorada da santa pobreza, não deixará de praticar os actos dessa virtude, seja qual for o seu estado de vida.

Estamos na desnudez? Pouco importa a causa dela. É um facto que um dia nos falte o necessário. E pode ser mais que o pão; porque o homem não vive só de pão.

Precisávamos dum livro, dum utensílio, dum remédio... Que sei eu? Falta-nos o necessário; está dito tudo. Que será de nós, se não possuímos o espírito de pobreza?

*“Deus me basta!”*, responderemos nós; e esta resposta é divina. Nada pode, com efeito, perturbar a alma que pôs a sua confiança em Deus. Ela sabe que Ele se preocupa de alimentar as avezinhas e de vestir os lírios. Ela não ignora que Ele tem o cuidado de contar todos os cabelos da nossa cabeça e que nem um cai sem permissão sua. O que nos é verdadeiramente preciso, Deus o sabe melhor do que nós e o seu coração de Pai no-lo dá no tempo devido. A fé desta alma exalta a sua esperança e fortifica o seu amor. Bem longe de a desanimar, de a fazer cair no desespero ou na revolta contra a Providência, a desnudez actual antes a regozija pela ocasião que lhe proporciona de se humilhar diante das criaturas e de confiar e de se abandonar nas mãos de Deus. Na

verdade é um dia de festa para a alma pobre, o dia em que ela se encontra na desnudez. Sem esforço ela copia Jesus perfeitamente. Isto pelo menos pode bastar-lhe.

A perfeição é menos fácil à alma que vive na abundância. Todavia, ela consegue com a graça de Deus, primeiro que tudo, usar pobremente dos seus bens que não desperdiça em seu proveito.

Vedes essa criança rica que tem um cuidado cioso dos seus inumeráveis brinquedos, alguns de certo valor? Ela tem o espírito de pobreza. Olhai agora aquela criança pobre a quem deram um tambor ordinário e já usado para brincar e tem tão pouca cautela em o poupar que o rasga e escangalha em pouco tempo, em virtude dos maus tratos que lhe dá. Esse pobre é um dissipador, é um perdulário, não tem espírito de pobreza.

A bem dizer, encontra-se geralmente esse sentimento da economia, quando se trata de bens próprios; mas o que é mais raro e, portanto, mais perfeito, é poupar os bens comuns, quando temos o uso deles. Ou se trata no lar das coisas da família, ou no mundo dos serviços públicos ou na vida religiosa dos bens da comunidade, cada qual desperdiça sem escrúpulo o que pertence a todos.

Numa região de chuva e de lama contínuas que não era precisamente a região de Fátima em que estamos, vivia um noviciado fervoroso. Os hábitos brancos das noviças deterioravam-se depressa nessa região. Para os poupar, a Superiora resolveu um belo dia comprar para cada uma das noviças um chapéu de chuva. Não era luxo, certamente. Mas, para afastar dessas almas um inconveniente espírito de propriedade, colocavam-se no regresso do passeio todos os guarda chuvas num quarto de arrecadação comum. O que tinha de acontecer, aconteceu. Quando se trazia para casa um chapéu de chuva partido ou roto, tinha-se em primeiro lugar todo o cuidado em não dizer nada e, depois, por ocasião do passeio seguinte, pegava-se no chapéu que estava ao lado desse. Em menos de três meses, os chapéus achavam-se todos inutilizados. E a pobre Superiora teve de mandar comprar outros e de dar a cada noviça o seu. A partir desse dia os chapéus nunca mais se estragaram. Pareciam sempre novinhos em folha. Pode-se dizer com verdade que essas noviças tinham o sentimento de pobreza? Mas não é certo, infelizmente, que noutras partes e em tudo tão facilmente se falta à santa pobreza?

Pelo contrário, os seus servos fiéis não se contentam de usar pobremente dos seus bens; sabem, quando se oferece a ocasião, privar-se deles. Privar-se! Mas quem é que hoje conhece o sentido divino desta palavra e a realiza? Privar-se! Todas as vozes do mundo nos convidam a gozar. É preciso ter o ouvido do coração singularmente atento para perceber, no limiar dum estábulo, um débil vagido de criança a murmurar-nos: *“Fazei como eu! Sendo infinitamente rico, fiz-me pobre por amor de vós”*. O Divino Infante fala assim muitas vezes à alma interior que está atenta; e ela priva-se duma fruta ou duma gulodice, duma leitura ou espectáculo, duma jóia, dum prazer qualquer. Ela despende para se privar duma coisa tanta indústria e tanta habilidade como outros empregam para gozar dela. É exagero, dirá alguém. O Apóstolo é ainda mais duro na expressão: *“É loucura, diz-nos ele, mas é a loucura da cruz!”*

Então, às vezes, num gesto heróico, chega-se a sacrificar tudo para seguir Jesus de mais perto. E, efectivamente, seguem-se as suas pisadas, quando não se procura reaver aos bocados os bens e as satisfações que se sacrificaram num momento. Ditasas as almas consagradas a Deus que podem renovar todos os dias o seu voto de pobreza com o mesmo entusiasmo e a mesma plenitude, como na ocasião em que o fizeram pela primeira vez! A arte de ser feliz, para um cristão, mais ainda para uma alma consagrada, consiste em privar-se a si mesmo. Contudo, devemos reconhecê-lo: o sacrifício que se faz a Deus do menor dos nossos bens não se consuma sem algum prazer. Sem dúvida esse prazer é um prazer divino; mas aquece de tal modo o presépio que a nossa alma já não sofre com isso. É por esse motivo que a pobreza perfeita exige uma renúncia ainda melhor. Hei-la: a alma perfeitamente pobre não só se priva do seu bem, mas aceita com alegria ser privada dele por outrem. Isso é sempre custoso; e, às vezes, pode ser atroz. Quando o despojamento é repentino, quando a ordem se afigura caprichosa, quando os outros se regozijam disso, que virtude deve ter essa alma para suportar tais golpes! Mas, ao mesmo tempo, Deus a transporta aos cumes mais altos e mais radiosos da divina pobreza.

### **Conclusão**

À medida que a alma se eleva para as cumeadas da pobreza interior, goza duma

felicidade cada vez maior; porque os pobres de Jesus Cristo são bem-aventurados! Para eles, como para o Divino Salvador, o mistério da pobreza é o primeiro mistério gozoso duma vida realmente perfeita. Mas é preciso ter a inteligência que dá a fé para apreciar a sua tríplice felicidade: a que resulta do desprezo das riquezas, a que resulta do despreendimento delas e a que resulta da ausência de bens materiais.

Em primeiro lugar, o desprezo das riquezas torna-os aptos imediatamente para saborear os bens celestes; e, como estão cheios deles, o seu coração transborda de alegria. Então, longe de se apreciarem as pessoas amigas segundo a sua fortuna, ou uma casa religiosa segundo o conforto que proporciona, tem-se a ambição e a felicidade de encontrar amizades divinas, de salvar almas e de se santificar!

O despreendimento das riquezas torna o coração inteiramente livre para procurar os bens do Céu. Ora justamente o engodo do ouro é uma das cadeias mais pesadas que prendem uma alma à terra. Quebrai-a; logo a ascensão das virtudes se torna fácil. E, quando se sobe, não é uma alegria muito grande ver o horizonte alargar-se, o ar purificar-se e o cimo aproximar-se? Assim a fé duma alma ilumina-se, a sua esperança fortifica-se e a sua caridade dilata-se, quando se eleva na pobreza. Queremos já um desconto sobre o nosso quinhão no Céu? É este, o único verdadeiro e que, longe de diminuir, aumenta a nossa herança divina.

Finalmente, a ausência dos bens materiais, quando tem como causa o espírito de pobreza, enriquece a alma com os bens do Céu. Desde o presépio e sobretudo desde o calvário, o nosso tesouro está escondido no sacrifício. Com um sacrifício pode-se salvar o mundo! Ora que fonte de sacrifícios jorra da pobreza, quando é sinceramente estimada, quando é ardentemente procurada e quando é verdadeiramente praticada! Evidentemente, a alma pobre assemelha-se a Jesus; e, por consequência, tem essa ventura inefável de se parecer com Deus, cuja soberana riqueza prescinde de todos os bens criados. À sua imagem, a alma perfeita esconde no fundo da sua pobreza interior toda a sua glória, toda a sua fortuna, toda a sua felicidade!

# FÁTIMA E A REPARAÇÃO

(Meditação nº. 34)

O sublime conceito místico de reparação, tão simples e tão acessível, nas suas linhas gerais, a todas as inteligências, ainda as mais rudimentares, mas profundo e complexo na sua compreensão lógica, está historicamente ligado, de modo íntimo e maravilhoso, à grande e incomparável Obra de Nossa Senhora de Fátima.

Quando Portugal atravessava o período mais grave e mais delicado da sua existência, como nação livre e autónoma, a excelsa Rainha dos Anjos dignou-se pousar os pés virginais sobre a copa duma pequenina azinheira, num recesso da Serra de Aire, e aparecer a três humildes e inocentes crianças para lhes comunicar os seus desígnios de bondade e misericórdia, a respeito da terra que se ufana com razão de ser chamada a “*Terra de Santa Maria*”.

A mensagem da Virgem, que nas suas aparições tinha o rosto formosíssimo como que anuviado por uma leve sombra de tristeza, pode sintetizar-me apenas em duas palavras: “*oração e penitência*”.

Quando, dois anos mais tarde, em colóquios íntimos e misteriosos com Jacinta Marto, a mais nova das videntes, pouco antes do seu ditoso trânsito, lhe explicava o sentido desse lema, a ideia da reparação, já claramente focada nas comunicações feitas durante as aparições, tornou-se mais precisa e mais clara ainda, aparecendo como razão de ser, o *leitmotiv* de toda a trama dos sucessos maravilhosos que, de Maio a Outubro de 1917, se desenrolaram no histórico recinto que a voz do povo chamava e chama ainda a Cova da Iria.

As culpas individuais e as iniquidades colectivas, clamavam vingança ao Céu e a Virgem Santíssima, a custo, sustinha braço do seu Bendito Filho prestes a descarregar os golpes da justiça divina sobre tantos que desafiavam sem reboço e sem temor a cólera do Altíssimo.

Saído do braseiro horrível da grande guerra sem ter ficado, por mercê de Deus, com as suas energias vitais comprometidas, Portugal caminhava a passos largos para a

mais lastimosa situação social criada pela conjuração das diversas forças anti-cristãs, em que ruínas de toda a ordem alastrariam pelo seu solo convertido em teatro de cenas verdadeiramente apocalípticas.

Foi então que um punhado de almas eleitas se ofereceu generosamente ao Senhor, pelas mãos da Rainha dos Anjos, para aplacar com as suas imolações compensadoras a cólera celeste provocada pelos pecados dos homens, passando a sua vida em oração e penitência como vítimas de expiação sacrificadas continuamente sobre o altar em união com a Vítima Divina.

E, desde então, a paz foi descendo pouco a pouco a esta terra, tantas vezes convulsionada nos últimos tempos por lutas intestinas e com a paz começaram a florescer a ordem, a disciplina social e a prosperidade pública.

A Pátria decadente levantou-se como por milagre do profundo abatimento em que jazia, havia longos anos, e as nações estranhas que dela desdenhavam, olham-na hoje cheias de admiração e respeito.

Mas ai dela, ai dos pobres filhos de Portugal, se as mãos que hoje se erguem suplicantes para o alto, implorando clemência e perdão, se vissem forçadas a descair pela maldade ou inconsciência dos homens.

É mister, é urgente, que novos núcleos de almas vítimas, colocadas como outros tantos pára-raios nas diversas dioceses do país, desviem os golpes da cólera divina e assegurem, como Moisés, orando fervorosamente no alto do monte, a vitória do exército dos crentes, o triunfo e a salvação da Pátria querida.

Praza a Deus que os desígnios maternais da Rainha do Céu não sejam embargados, na sua realização, pelas maquinações das criaturas, para que nesta terra de heróis e de santos, nesta gloriosa terra de Santa Maria, as hordas bárbaras do comunismo moscovita não subvertam as instituições cristãs, aniquilando vidas e poluindo almas, e não transformem Portugal inteiro num lago imenso de sangue e de lama, num vasto e horrendo campo de destroços e ruínas fumegantes!

## SER SANTA

(Meditação nº. 35)

É tudo o que quero, ó meu Jesus muito amado! Ser santa para ser vossa; renunciar-me para ressuscitar em vós!

Mas que é ser santa, meu Jesus adorado?

*Ser santa, minha filha*, é subir por uma escada de cruzes sem nunca parar, com o sorriso nos lábios e com o amor da humildade no coração.

*Uma santa* nunca Me perde vista: tem o cuidado inspirado pelo Céu de glorificar a Deus em tudo.

*Uma santa* vê sem cessar, com os olhos da alma, o seu Jesus crucificado: imita-O, conservando imaculada a pureza da sua alma.

*Uma santa* julga com caridade todas as pessoas, faz todos os seus actos com perfeição: não esquece nada do que deve fazer, mas esquece-se a si mesma; não se queixa nunca se alguém falta à atenção e à consideração para com ela, porque se julga sinceramente indigna disso.

*Ser santa* é não só fazer bem feitas as mil acções ordinárias de cada dia, mas, além disso, desempenhar-se delas com perfeição, pureza de intenção e diligência, sobrenaturalizar cada um dos seus actos pelo amor e espírito de imolação.

*Ser santa* é ser apóstola pelo silêncio, pelas palavras, pelos exemplos e pela prática heróica das virtudes.

*Ser santa* é alegrar-se no meio das maiores humilhações; é saborear lenta e delicadamente a cruz, no abandono, no desprezo, e na obscuridade, sem ter outra testemunha senão só a Deus.

*Ser santa* é sacrificar a própria vida gota a gota, arrancando do coração, fibra por fibra, tudo aquilo que não é apenas por Deus.

*Ser santa* é ser uma verdadeira filha de Maria, uma imitadora perfeita das suas virtudes ocultas.

*Ser santa* é deixar-se crucificar por Deus e pelas criaturas, doce, paciente e humildemente, em silêncio, em espírito de reconhecimento e aceitando tudo o que pode fazer sofrer sem perder nunca a paz da alma.

*Ser santa* é viver uma vida interior escondida em Deus, vida de união com Ele por meio de uma oração ininterrupta, sem deixar passar, por assim dizer, nenhum momento em que não pratiquemos alguma virtude.

*Ser santa* é romper com tudo o que é natural; é ter um coração sem eleição, totalmente abandonado à vontade divina. É escolher sempre e em tudo o que pode fazer sofrer mais: é amar a dor, desejá-la e comprazer-se nela..., tudo isso unicamente por amor de Deus e das almas.

*Ser santa* é levar uma vida voluntariamente humilhada, cada vez mais escondida..., é transformar-se em Mim pela humildade, pelo amor e pela dor.

Queres ser santa? Diz do fundo da tua alma e pratica este belo lema:

**NADA PELA NATUREZA, TUDO POR DEUS!**

# VIRTUDES

(Meditação nº. 36)

Virtudes escondidas da vida religiosa - pequenas virtudes de cada dia. Está nelas o segredo, o segredo invisível daquilo que se vê. O mundo admira os resultados: uma alma santa, irresistivelmente, lhe parece grande; ele não compreende a causa e, se lha descobrissem, sorriria com incredulidade: *“isto, que é tão grande, pode lã vir do que é tão pequeno?”* E, contudo, a causa está lá, nessas virtudes pequenas que exigem tanta força da alma, tanta grandeza. *“Se não vos tornardes como criancinhas...”* diria Nosso Senhor.

## **Humildade.**

Exemplo de Jesus. A humildade é aquela virtude pela qual a criatura racional, vendo o que é, reconhece o seu nada. Fundamento: o que Deus é e o que nós somos. Nós somos o nada sob o duplo ponto de vista da natureza e da graça. S. Paulo: *“que tendes que não hajais recebido...”* Não tenho nada: corpo-alma. Sem a graça, nenhum mérito. Somos fraqueza e pobreza.

A humildade é uma virtude particularmente necessária ao cristão.

A vida religiosa é uma graça de escolha, que não é dada senão a um pequeno número de almas. É a semelhança mais perfeita que há com Jesus. E a intimidade de vida com Ele. É pois nos religiosos e nas religiosas que quer fazer reinar o seu espírito de humildade na sua plenitude. Quanto maior é a honra que lhes faz, tanto mais Ele quer vê-las reconhecer o seu nada e entrar nos abatimentos da sua Incarnação, da sua vida e da sua morte.

Se nos fosse dado ver por um instante as almas religiosas, que revelação esse espectáculo nos apresentaria! Veríamos que todos os choques sofridos por essas almas, todas as dificuldades que as embaraçam, provêm da falta de humildade.

Num noviciado a que são devidos os insucessos? Quase sempre à falta de humildade. Pelo contrário, os progressos em todas as virtudes religiosas têm o seu ponto

de partida no esquecimento de nós mesmos e na convicção da nossa miséria. As religiosas activas estão, em virtude da sua missão, realizada diante dos olhos do mundo, muito expostas às influências da vaidade. As lisonjas mais ou menos bem intencionadas do mundo têm perdido muitas religiosas. Elas não tinham visto o valor da humildade. Elas não o tinham compreendido no noviciado.

Quanto a vós, religiosas contemplativas, embora mitigadas, cuja missão é ainda mais elevada, o louvor exclusivo ou quase exclusivo de Deus, estais sujeitas a tentações contra a humildade mais subtis, mas não menos graves.

Facilmente, aquela que ainda não tiver penetrado bem a ciência dos santos, orgulhar-se-á secretamente das suas penitências, dos bons sentimentos que descobrir, das virtudes que julgar notar em si... A sua estima de si mesma se traduzirá por uma preocupação exagerada dos seus estados de alma, pelo desejo de saber em que altura vai no caminho da perfeição e se ela progride. O verdadeiro progresso faz-se invisivelmente e quando a alma não se preocupa de seguir as suas manifestações. Aquela que todos os dias purifica a sua intenção, não cuidando senão de operar segundo a vontade de Deus, na linha da obediência e da vida comum, essa progride. É que ela caminha na humildade. Deus não pode ser vil a seus próprios olhos, não pode ser humilde em si mesmo. Só o pode ser na sua acção exterior.

Vós nos governais com um grande respeito e não nos tratais pelo rigor; quando fazemos o mal, Vós nos repreendeis docemente; Vós nos convidais a voltar pela penitência; Vós quereríeis que nenhum de nós se perdesse, que todos operássemos a nossa salvação... Atitude de Deus para conosco, para com o pecador. Insistência. Hora da morte. Podia Deus humilhar-se mais diante da sua criatura culpada?

Humildade em Nosso Senhor na sua natureza humana:  
Presépio-operário-sábio-príncipe.

Perante este espectáculo, como se compreende que nas nossas almas religiosas em comunicação íntima com a humildade divina de Nosso Senhor, haja tantas susceptibilidades orgulhosas? Um olhar... ou a ausência dum olhar, uma palavra ou o silêncio e eis-me amuada e sentida para um dia inteiro, quando não é para três dias! E este insaciável desejo de me fazer ver, de me fazer ouvir, de dar nas vistas. E o pronome

“eu”, eu isto, eu aquilo, continuamente nos meus lábios!

Peçamos a Deus que nos mostre as nossas misérias no capítulo da humildade; que nos ajude a já não temermos ser julgados, ser tidos em conta de nada! Digamos muitas vezes: “*Jesus, manso e humilde...*”

### ***Dois meios de adquirir a humildade:***

#### ***1º. Pedi-la.***

Alegamos as razões mais tocantes que podemos imaginar? Pedimo-la todos os dias na meditação, na Missa, na Sageada Comunhão? Pedimo-la a Jesus pelo seu presépio, pela que mais O pode comover, pelos seus trabalhos de operário, pelas humilhações que os homens Lhe fizeram sofrer sobre a terra?

À Santíssima Virgem falamos da sua humildade que Lhe atraiu os favores do Céu?

#### ***2º. Praticá-la.***

Em três coisas: no vestuário, no alimento, nos empregos.

Um meio de alimentar em nós a humildade. Visão de S. Teresa do inferno, onde cairia se continuasse a entregar-se à vaidade. Pecado mortal.

Nós é que fomos os algozes de Nosso Senhor com os nossos pecados. E pode ser que este pensamento, ainda mais que o do inferno, seja próprio para nos impressionar e para nos manter nos sentimentos mais humildes.

Pensem que o Divino Mestre se compadeceu de nós, que nos lavou no seu sangue, que nos concedeu o (...) <sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Documento incompleto.

# A Reparação

(Meditação nº. 37)

**I** A reparação não é apenas, como muitas pessoas piedosas julgam, como o julgam até pessoas consagradas a Deus, uma prática ou um conjunto de práticas, é também e antes de mais nada, um espírito: o espírito de reparação.

Pode alguém não fazer mais nada do que aquilo que é de sua rigorosa obrigação; se o fizer no intuito de compensar de algum modo o amor que se deveria dar a Deus e que não se dá, repara, faz uma vida de reparação.

Vede essa pobre criatura que é uma simples criada de servir, uma mulher de recados, ou uma operária; ela não tem tempo de se aplicar a outros exercícios que não sejam os do seu dever de estado: ela oferece as suas longas e repetidas caminhadas, o seu trabalho em casa ou na fábrica, as suas refeições tomadas à pressa, a sua fadiga quotidiana, tudo isso para consolar Nosso Senhor das injúrias que recebeu e que recebe. Essa criada de servir, essa mulher de recados, essa operária é uma alma vítima, é uma alma reparadora. Pelo contrário, podem multiplicar-se as práticas; se não forem feitas com a intenção de compensar o amor que se devia dar a Deus e que lhe não é dado pelas suas criaturas, essas práticas não são obras reparadoras.

É a intenção que faz a acção, é a intenção que faz a reparação. Sem dúvida, não é necessário que esta intenção seja sempre explícita para cada acto, mas tem de ser pelo menos implícita.

**II** As solenidades religiosas desta época do ano litúrgico recordam-nos o adorável mistério da Redenção. A Justiça Divina ofendida com os pecados dos homens, exigia uma satisfação condigna. Essa satisfação foi dada pelo Verbo Divino feito homem com a sua paixão e a sua morte. Mas, nos seus desígnios admiráveis.

O Redentor quis associar-nos a si, determinando que a sua paixão fosse completada nos membros do seu Corpo Místico. Daí a necessidade da reparação.

Almas, é necessário haver almas que se consagrem a reparar o Senhor ofendido. Ai de nós se os castos e as virgens, se as pessoas piedosas e as almas consagradas não aplacassem a cólera de Deus com as suas súplicas, com os seus sacrifícios, com a sua reparação e com as suas imolações compensadoras, tornando-se quer no claustro, quer no século, verdadeiros pára-raios do mundo pecador.

**III** O nosso ideal é, em harmonia com as revelações feitas à Jacinta e também, durante o seu noviciado em Tuy, à Lúcia, a reparação das ofensas que se fazem a Nosso Senhor Sacramentado e a Nossa Senhora, especialmente as blasfêmias contra a sua Imaculada Conceição, a santificação dos sacerdotes e recristianização das famílias.

**IV**<sup>16</sup> Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, Se não me engano o bom Deus, na sua infinita misericórdia, queixa-se de que não pode por mais tempo suportar as ofensas que se cometem contra a Imaculada Conceição de Maria Santíssima; diz ser este o pecado pelo qual estão caindo no inferno um grande número de almas, e promete salvá-las à medida que se for praticando a seguinte devoção, com o fim de reparar o Imaculado Coração de nossa Santíssima Mãe.

Venho pois Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, com a aprovação do meu confessor e da minha muito Rev.da Madre Superiora, e para satisfazer os desejos de Nosso Senhor, pedir humildemente a V. Ex. cia Rev.ma se digne conceder-lhe a sua aprovação.

### **Devoção Reparadora ao Imaculado Coração de Maria**

Durante 5 meses ao 1º Sábado, receber a Sagrada Comunhão, rezar um terço, fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora meditando nos mistérios do Rosário, e fazer uma confissão com o mesmo fim de reparar as ofensas feitas à Santíssima Virgem.

A Santíssima. Virgem promete assistir na hora da morte às almas que assim a tiverem procurado consolar, com todas as graças necessárias para se salvarem.

---

<sup>16</sup> Cópia de uma carta da Irmã Lúcia, passada pelo Pe. Formigão e estava junto às suas meditações sobre a reparação.

## **A PALAVRA DE DEUS.**

(19 de Agosto de 1909)

**1<sup>a</sup>.**

Disposições com as quais se deve ouvir: fé viva, desejo ardente e reflexão.

**4<sup>a</sup>.**

O padre deve dar glória a Deus e salvar as almas. Mas para isso é necessário ser douto, santo e zeloso.

Umiltà, mortificazione, dolcezza, castità, raccoglimento e unione com Dio, amore a Gesù Sacramentato.

1°. Fare bene la confessione.

2°. Fare bene l'esami gen. e particolare.

3°. Avere il pensiero frequente della morte.

4°. Fugire ad ogni costo dal fre.te ocu.te delib.to.

5°. Amore della castità, custodia degli occhi.

Mortificazione dei sensi, spec. del gusto, della gola.

7°. (?).<sup>18</sup>

8°. Pensiero frequente dalla morte.

9°. Pensiero frequente del Paradiso.

10°. Profondo sentimento d'umiltà.

---

<sup>17</sup> Este livro é de grande importância pois nele se encontram várias meditações do Pe. Formigão, enquanto seminarista em Roma e ainda outras efectuadas nas vésperas de receber as sagradas ordens do Diaconado e Presbiterado.

<sup>18</sup> Palavra ilegível.

- 11°. Generoso proposito di (?)<sup>19</sup> Dio. . .
- 12°. Dire bene Santa Messa.
- 13°. Avere spirito di mortificazione e penitenza.
- 14°. Lavora . . . non (?)<sup>20</sup>
- 15°. Vestimento – non sordide... (?)<sup>21</sup>
- 16°. Unione e concordia nella carità e passienza.
- 17°. Esaminare la dignità sacerdotale e ringraziare Dio.
- 18°. Farzi più dotto che si può.
- 19°. Meditare Gesù Crocifigato, la Passione del Signore.
- Promuovere la pietà in casa sua. Considerarsi non come suo ma  
Come di Dio.
- 20°. Procurar ottenere una grande dolcezza.
- 21°. Ardente devozione al Ss. Cuore di Gesù.
- 22°. Ardente devozione filiale a Maria SS.
- 23°. Leggere l'ultimo giorno d'ogni mese questi proposito.

### **Breve Apontamento**

Em Terracina há alguns anos foram os missionários (de S. Francisco de Paula, entre os quais o conferente) dar uma missão, e um garibaldino, robusto, apenas o soube, blasfemou contra o Papa, a piedade, etc., depois entrou num café para jogar e de repente é atacado de uma doença tal que levado para casa e chamados os médicos não conheceram o que era, encolhendo os ombros.

Tinha em casa com quem não era casado. O Arcipreste disse aos missionários: *“se fosse possível fazer que se confessasse...”* Um dos missionários foi, mas os amigos do garibaldino não o deixaram entrar, e este morreu sem sacramentos, impenitente. O povo, que o soube, quando o levaram a enterrar voltava-se para o lado oposto para o não ver. Na mesma missão estava eu confessando, senti um rumor, era um homem que queria confessar-se antes dos outros penitentes, e todo tremendo disse-me: *“Padre, sou*

---

<sup>19</sup> Palavra ilegível.

<sup>20</sup> Palavra ilegível.

<sup>21</sup> Palavra ilegível.

*sapateiro, hoje fui para a loja do meu patrão, este que era blasfemador, veio sentar-se e caiu morto. Se me sucedesse isto, que seria da minha alma?! Por isso venho confessar-me imediatamente”.*